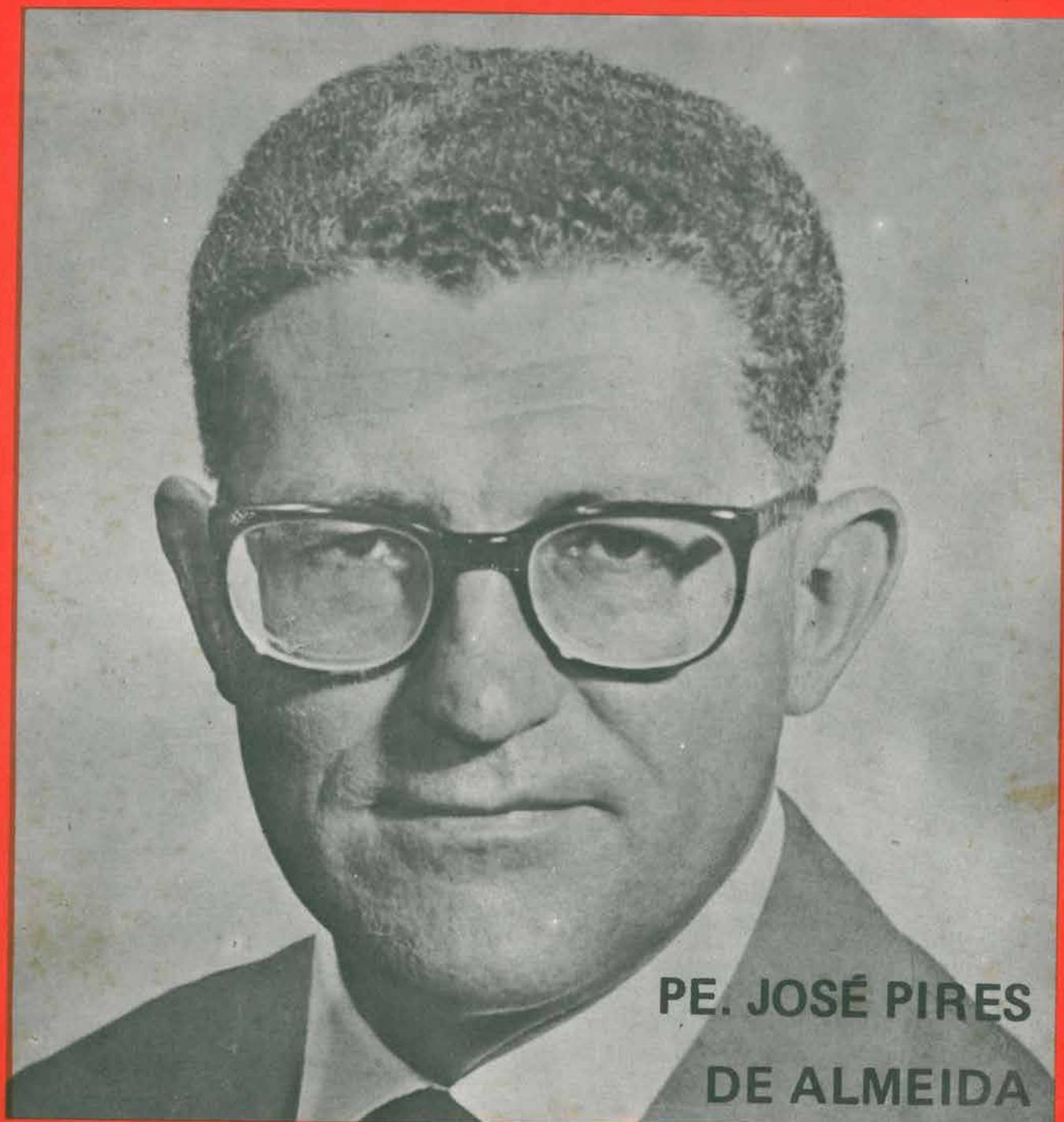




# a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES  
DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO-RIO

DEZEMBRO DE 1979 - Nº 27



PE. JOSÉ PIRES  
DE ALMEIDA

## A meus netos

*Você é ainda uma interrogação,  
mas já é uma realidade.*

*Realidade  
de um amor;  
de duas vidas  
que se uniram,  
se fundiram,  
se confundiram  
em você.*

*Você é também uma esperança.  
Toda criança que está para nascer  
é esperança.*

*Esperança e alegria.  
Alegria que cresce  
a cada dia com você. . .*

*Alegria que é você,  
mas que pertence a todos nós,  
seus pais, seus tios, seus avós.*

*Você é também um mistério.*

*Mistério do ser,  
de causa e de efeito,  
do como,  
do por que.*

*Mistério, expectativa, espera. . .*

*Tempo de espera,  
tempo do Advento. . .*

*Advento. . . Natal. . .*

*Paz e amor,  
e também dor;*

*que na vida  
dor e amor caminham sempre juntos. .*

*Vida é luta.*

*Mas quando se luta com amor,  
a dor a gente esquece  
e só o amor permanece.*

*Você é um prolongamento  
de um momento*

*fecundo  
em minha vida*

*e na vida de seus pais.*

*Mas,  
interrogação,  
realidade,*

*esperança,  
alegria,*

*mistério,  
seja o que for,*

*você é para todos nós  
a concretização do AMOR.*

# A VOCÊ QUE VAI NASCER



# a chama

## EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241 —  
Laranjeiras — Tel.: 285-0613  
20.000 — Rio de Janeiro — RJ

### CONSELHO EDITORIAL

Associação de Pais e Mestres do  
Colégio S. Vicente de Paulo

### DIRETORA RESPONSÁVEL

Maria Célia Bustamante

### SUPERVISÃO EDITORIAL

Pe. José Pires de Almeida

### CONTATO DE PUBLICIDADE

Maria José Hespanha B. Soares

### COORDENAÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Horácio A. Barros Neto

### COMPOSIÇÃO/ARTE

Audifax Ayres e Hyrmo Costa

### COLABORAM NESTE NÚMERO

Glória Lopes, Ivonilde, Maria Célia Bustamante, Pe. Alfeu Custódio, Pe. José P. Almeida, Artur da Távola, Damião Nascimento, Wander F. de Paula, Helena Ruiz, Anésio P. Dutra, Prof. Aluisio, Funcionários do C.S.U.P.

Os artigos assinados, são da  
responsabilidade dos autores.

Aceitamos permuta, com  
publicações do gênero.

Circulação dirigida:  
2.000 exemplares.

### PRODUÇÃO E IMPRESSÃO

Altiva Gráfica e Editora Ltda.  
R. Gal. Caldwell, 316 — Loja  
Tels.: 232-7869 — 252-5576  
Rio de Janeiro, RJ

## Editorial

*Fim de ano. Tempo de retrospectiva. De revisão. De balanço. De questionamento. Tempo de se colocar a célebre pergunta: — Será que valeu a pena?*

*É o que queremos colocar para você, leitor, sobretudo para os pais mais antigos que conheceram a CHAMA na sua periodicidade normal e na sua simplicidade característica. Uma revista cuja única pretenção era ser o reflexo da vida do São Vicente. Ser o elo de comunicação não apenas entre as quase duas mil pessoas que transitam, diariamente, pelas dependências do Colégio, mas, sobretudo, entre os pais que aqui colocaram seus filhos em busca de uma formação cultural mais aprimorada.*

*Por motivos alheios à nossa vontade a CHAMA correu o risco de se extinguir. Estamos tentando reavivá-la. Seleccionamos algumas das seções que nos pareceram ser de maior interesse do leitor. Procuramos abordar assuntos relacionados com o processo educacional da criança como a relação Criança/TV. Neste número a nossa atenção está centralizada em um fato que abalou a vida do Colégio: a partida do Padre Almeida.*

*Foi ele mesmo quem colocou — como conclusão do seu artigo publicado em número anterior — a questão que agora nos propomos: — Qual deve ser a parcela de responsabilidade da CHAMA no tocante à vida do Colégio?*

*Terá sentido a CHAMA se não mergulhar na vida do Colégio e se não for uma reflexão desta própria vivência?*

*Será que valeu a pena o esforço dispendido?*

*Cabe a você, leitor, a resposta a esta questão. Escreva, critique, dê sugestões. A seção "Carta do Leitor" está ao seu dispor.*

*Vale a pena continuar com a CHAMA?*

*Nós aguardamos a resposta.*

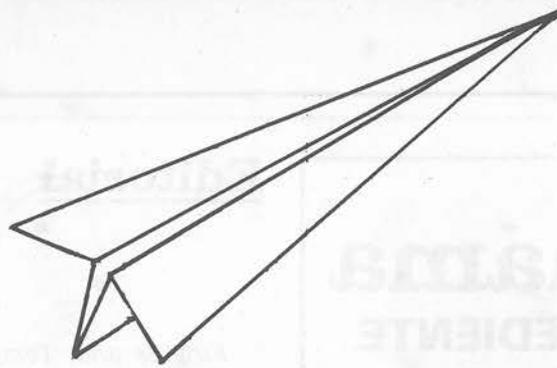
## ÍNDICE

ANO VI — DEZEMBRO DE 1979 — N.º 27

### REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO — RIO

3	Editorial
4	Carta ao Leitor / E o ano se foi...
5	Carta do Superior Geral da Congregação
6	Saudade que Dói
10	Relembrando...
12	Vai o Padre Almeida, chega o Padre Palu.
13	A vez de Quem se Vai
15	Artur da Távola escreve
16	Um Crime Real
17	Papo Livre / É Preciso Crescer
18	Foto Premiada — Ecologia
19	Mesa Redonda — "TV e nossos filhos"
23	Natal — Vida de cada dia
24	Sarau
25	A Propósito da Reprovação

# CARTA AO LEITOR



## MEUS AMIGOS

Padre Almeida vai embora. O impacto que esta notícia causou foi intenso, não deixou ninguém insensível. Elogiar quem parte parece ser quase uma obrigação, mas, quando os fatos falam por si, é um prazer. Atualmente, o Colégio São Vicente é considerado um dos melhores do Rio. Goza de ótimo conceito entre os jovens, suas vagas são disputadíssimas e a filosofia que o Diretor adotou foi uma luz que brilhou em tempos nebulosos e esperemos, continue a brilhar.

O que mais me impressionou, quando conheci Padre Almeida,

foi a serenidade com que recebe críticas. Ouve-as com tranquilidade, reflete e a resposta vem sincera, sem rodeios.

A informalidade, a descomplicação em receber aos que o procuram sempre me causou admiração e sua disponibilidade para o trabalho, nem se fala!

Vamos sentir sua falta. Se ao menos ficasse no Rio, saberíamos que o amigo estaria sempre disponível, o porteiro da Festa Junina incansável, o fotógrafo da APM a postos, o grande incentivador da Chama nos empurrando para frente.

*Glória Lopes*

## E O ANO SE FOI...

Oi gente, aqui alguns flashes de Papo Livre dentro da primeira série.

A equipe com bastante autonomia, recebeu apoio e estímulo da Coordenação em todas as suas realizações.

Acredito que tenhamos feito um trabalho de implantação dentro do novo sistema de ensino, voltando-nos para o dia-a-dia, para a realidade de cada um no seu próprio meio.

A dinâmica de cada classe obedeceu aos ditames das suas próprias necessidades, sem entretanto afastar-se dos objetivos gerais da série.

Foi um criar constante.

Os livros tinham um colorido convidando ao manuseio e à leitura.

A Hora da Novidade e a Edição do Batutinha promoveram em horizonte largo dentro da área de Comunicação

e Expressão atendendo o crescimento proposto pela Coordenação do Farias.

Os Blocos Lógicos, as fichas, palitos, brinquedos, encartes foram o nosso cotidiano na deliciosa Matemática de gente miúda.

Niskier que se prepare para o consumo dos seus livros.

A tia lara era disputada em suas aulas. Crianças se inscreviam dias seguidos para os grupos de estudo. Havia protesto de quem era de direito.

O piano da tia "Viúma", (assim escreviam nos bilhetes) era a tentação do movimento livre.

Quando era tocado a turma LÁ se ia para um SI de contentamento no pular de LÁ para cá no SOLfejo da alegria.

Com sua meiguice "Suzi e sua tur-

minha" transmitiram amor e na Capelinha do Colégio aprendemos o silêncio de ouro dos grandes discursos.

Em nosso Estudo do Meio descobrimos o bairro, os jardins, os parques, as feiras, os transportes, o teatro, as exposições.

Entrevistamos Stella Leonardos e fomos até notícias em quadrinhos da Editora EBAL.

— Que futebol gostoso o futebol do ti Zé. Era o contágio permanente. Quando não se jogava, desenhava-se o jogo.

Tio Jacob e sua equipe de Ciências ensinaram tanta coisa.

*Ivonilde*



DC 79/299-B

James W. Richardson

## SUPERIOR GENERALIS

CONGREGATIONIS MISSIONIS ET FILIARUM CARITATIS

DILECTO NOSTRO IN CHRISTO CONFRATRI

Domino José Pires de Almeida

dictæ Congregationis sacerdoti,

SALUTEM IN DOMINO

Cum ad officium nostrum pertineat Directores Filiabus Caritatis præponendi potestas, qui sint apud illas vices Nostras gerentes atque in earum Provinciis dirigendis cooperatores Nostri, Nos, de tua probitate, prudentia, sufficientia et experientia, iamdudum Nobis cognitis, confidentes, Te Directorem Filiarum Caritatis Provinciæ BELO HORIZONTE designavimus et deputavimus atque per præsentem designamus ac deputamus, cum omnibus facultatibus a Constitutionibus Filiarum Caritatis vel a Nobis huic muneri adnexis.

Quocirca Nos, omnibus et singulis Filiabus Caritatis, in dicta Provincia BELO HORIZONTE commorantibus, in Domino mandamus, ut Tibi, sicut et Nobis, faveant et pareant.

In quorum fidem præsentem litteras, durante munere valituras, Nostra et secretarii Nostri manu subscriptas, sigilloque Nostro munitas, expedire curavimus.

Datum Romæ anno Domini millesimo nongentesimo septuagesimo nono, die vero mensis iulii 23a.

De Mandato  
R.A.D.D. Superioris Generalis

Paul Henzmann cm. secr. gen.

JAMES W. RICHARDSON

*Superior Geral da Congregação da Missão e das Filhas de Caridade.*

*Querido coirmão em Cristo Pe. José Pires de Almeida, sacerdote da mesma Congregação, saudações no Senhor. Pertencendo a meu ofício o poder de nomear para as Filhas de Caridade os Diretores que sejam junto delas meus Representantes e Cooperadores na orientação de suas Províncias (religiosas), confiando na sua probidade, prudência, capacidade e experiência de que tenho conhecimento anterior.*

*Eu o designo e delego como Diretor das Filhas de Caridade da Província de Belo Horizonte e, pelo presente documento, confirmo a designação e delegação com todos os poderes que as Constituições das Filhas da Caridade atribuem a este cargo.*

*Por isso, ordeno em nome do Senhor a todas e a cada uma das Filhas de Caridade pertencentes à referida Província de Belo Horizonte que o respeitem e lhe obedçam, assim como a mim próprio.*

*Confiado nisso, mando expedir o presente documento, com validade enquanto durar a função, o qual vai assinado por mim e por meu secretário e munido de meu carimbo.*

*Dado em Roma no dia 23 de julho do Ano do Senhor 1979.*

# SAUDADE QUE DÓI

"Há momentos em nossa vida em que as palavras são insuficientes para expressar tudo aquilo que nos vai no coração". Foi assim que eu me dirigi ao senhor, por ocasião dos seus vinte e cinco anos de sacerdócio. Elas me voltaram à mente quando me vi diante do papel em branco colocado na máquina de escrever. Como restringir a meras palavras 10 anos de convivência, amizade, apoio, disponibilidade, compreensão?

Ainda me recordo daquela célebre noite em que o senhor discretamente entrou em nossa casa e tão profundamente em nossas vidas e em nossos corações. A Lula que entrara para o Colégio naquele ano, nos trazia com frequência um recado: — O Padre Almeida mandou dizer que quer conhecer vocês. Quer vir jantar aqui qualquer dia.

Os contratempos de uma família numerosa e a constante falta de empregada me impediam de atender o pedido. Mas um dia entreguei os pontos. A data foi marcada e pontualmente às sete da noite a campainha tocou. Num misto de curiosidade e expectativa abri a porta. Um homem de fisionomia tranqüila, um tanto solene em seu terno e gravata, se apresentou: — Boa noite. Padre Almeida, Diretor do Colégio São Vicente.

— Boa noite. Maria Célia Bustamante. Ivan, meu marido.

Os filhos foram aparecendo e a Lula os apresentava: Ana Luiza, Jorge, Ivan, Marcos, Maria Tereza, Paulo, Maria Cristina e Pedro.

Foi uma noite inesquecível. Aos poucos, o jeito de mineiro desconfiado foi desaparecendo. As revelações foram sendo feitas de parte a parte. Um clima de abertura franca e despreocupada foi crescendo com o passar das horas. E quando mais tarde se retirou, todos nós, Bustamantes, tivemos a mesma sensação. O senhor nos cativara. Acabávamos de ganhar um amigo. E que Amigo!

Nossas previsões se confirmaram. Sua presença tornou-se uma constante na família. Juntos atravessamos momentos de alegria, de tristezas de dificuldades, de vitórias e lutas. Recebemos de sua parte provas de amizade que jamais esqueceremos. Com a humildade que lhe é característica o senhor veio recorrer a nós em alguns momentos difíceis que atravessou, dando-nos a oportunidade de retribuir um pouco do muito que recebemos.

A confiança que em nós depositou se confirmou mais uma vez, há uns dois meses, quando apareceu, sem avisar, às seis da tarde e foi com simplicidade aceitando o convite para jantar. Minha intuição feminina me fez perceber no ar algo de estranho que não conseguia precisar.

Foi quando, de repente, as palavras jorraram rápidas e secas, disfarçando a dor que lhe partia o coração: — Vou deixar o São Vicente. Fui designado pelo Superior Geral para ir para Belo Horizonte. Não comente nada com ninguém, a não ser com o Ivan.

A notícia me apanhou de surpresa e doeu fundo. Mas senti que não era hora de fraquejar. E me fiz de forte. E lhe disse que era essa a missão do sacerdote. Que não adiantava buscar explicações. Que Deus tinha seus mistérios, suas exigências. Que nesta hora é que se sente o peso do voto de obediência. Aceitar sem murmurar. Sem compreender. Sua missão aqui fora cumprida. E com que êxito! Agora tinha que recomeçar tudo de novo. Plantar uma nova semente. Mas que a sua recompensa estava na consciência tranqüila e na certeza do dever cumprido.

Encerramos o assunto com a chegada das crianças. Mas a ferida ficou doendo no silêncio do segredo. . . Até que a notícia se espalhou e eu lhe confesso que me senti mais aliviada. A dor repartida era agora carregada por muitos. Os depoimentos que aí estão são um testemunho disto. Muitos não foram escritos. Foram expressos verbalmente. Há poucos dias Artur da Távoia nos dizia: — Fiquei encantado com o Padre Almeida. Seu jeito simples e humilde é fora de série. Nunca imaginei um diretor de colégio tão humano. Foi pena tê-lo conhecido tão pouco.

O que todos percebem, Padre Almeida, é que o Colégio está sofrendo: pais, alunos, professores, funcionários. Todos lamentam sua partida. Porque sentem que, ao partir, o senhor deixará em cada coração UMA SAUDADE QUE DÓI.

Maria Célia Bustamante

\*\*\*

Prezado Pe. Almeida:

O tempo em que pude servi-lo foi curto, medido pela amizade que nos envolveu.

Meus sinceros agradecimentos por tudo o que o senhor fez por mim e pelos meus.

A minha retribuição é pedir a Deus que ilumine seus passos em sua nova jornada.

Antonio (Motorista)

## Convite

Dia 26, mais um aniversário do Padre Almeida. Apesar da alegria da data, ela terá neste ano um toque de saudade. A CHAMA quer reforçar o convite a TODOS OS AMIGOS do nosso querido Diretor para que compareçam à Missa em ação de graças às 20:00h no refeitório.

É a ocasião oportuna para uma demonstração de carinho e apreço de que se fez merecedor pelos 13 anos de dedicação e disponibilidade à família do Colégio São Vicente. Para lhe demonstrar a nossa amizade vamos todos cantar em coro uma das suas músicas preferidas: "Eu quero ter um milhão de amigos e bem mais forte poder cantar!"

Eu, Emília encarregada do refeitório do Colégio São Vicente de Paulo, venho não só em meu nome, como também de todo o pessoal lotado no Setor que tenho a honra de dirigir, expressar de um lado o meu agradecimento e de outro a profunda tristeza pela saída do nosso atual Diretor Pe. José Pires de Almeida. Se de um lado temos motivo de agradecimento por tudo de bom que temos recebido ao longo de todos estes anos, por outro lado temos que lamentar a separação de uma pessoa tão humana, tão sensível, compreensiva, sempre atenciosa com todo o mundo, compartilhando sempre das tristezas e das alegrias na sua simplicidade e humildade dando sempre uma lição de bom viver e um exemplo a ser imitado com orgulho. Seu comportamento humanista sempre atento, tratando a todos com o maior respeito, procurando sempre resolver os problemas difíceis de cada um, sempre sorridente, inspirando confiança e segurança a todos os que o cercam demonstrando imensa satisfação e felicidade quando podia ajudar àqueles que de uma maneira ou de outra precisavam dele. Por tudo isso é que, em meu nome pessoal e em nome das pessoas que chefiou, ficamos gratas por todo o apoio que sempre recebemos do nosso Diretor Pe. Almeida, e muitíssimo *tristes* por perder o convívio de uma pessoa cuja presença tanto nos enaideceu sempre, pois afinal foram 12 anos sob o seu comando. Por tudo isso afirmo desde já que é uma saudade que dói. Aqui fica nosso agradecimento e pedindo a Deus para que lhe dê muitos anos de vida para bem de todos os que tenham a felicidade de conhecê-lo, como nós. .

Emília

\*\*\*

Foi um exemplo como Diretor deste Colégio. Procurou sempre resolver os problemas juntamente com professores e funcionários para uma melhor conscientização daquilo que se presta (o ensino) e em consequência melhor aproveitamento pelos alunos.

Eu não gosto de despedidas, pois despedir é muito chato. Mas, hoje parte desta casa, não para sempre, e sim para continuar sua missão em outra parte desta congregação.

Este de quem falo é o Pe. Almeida,

que durante os quase 13 anos que conheço e como Diretor desta casa, só procurou ser amigo de todos.

Um homem simples e que sempre desempenhou sua função com dignidade. Atendia a todos sem aquelas tradicionais barreiras que a gente encontra por aí.

Sem egoísmo, sempre indicou o melhor caminho a seguir, para as pessoas que o procuravam.

Os conhecimentos que tenho através de estudos agradeço a ele, pois foi quem me incentivou e ainda arranjou-me colégio para estudar.

Obrigado por tudo que vem fazendo por esta comunidade; obrigado pelas alegrias que me deu.

Chocolate

\*\*\*

As minhas palavras são tão simples e humildes quanto eu, mas de coração, a meu ver, Pe. Almeida nunca deixaria a direção do Colégio. É uma criatura estimadíssima, não só pelos alunos, pelos srs. pais, professores e funcionários. Trabalho com telefone e sempre tenho observado o quanto ele é querido e estimado. Pela rua, pelo bairro, na portaria, está parecendo um dilúvio, todos comentam o mesmo assunto: a saída do Pe. Almeida da Diretoria. Um pai de ex-aluno me disse que ia logo em seguida fazer um abaixo assinado para que ele ficasse. Para mim nem tenho palavras de gratidão, carinho, estima que são poucas para tanto. Grande estima não só por ele mas também pela sra. sua mãe, D. Zenaide e também pelos seus familiares. Sinto de coração, como se fosse meu parente bem próximo, um parente mesmo. Fui ao 2º andar, no horário do Supletivo dar um recado e quem tive a oportunidade de ver dando aula? Pe. Almeida. Naquele momento senti tanta vontade de ser uma das alunas para assistir a sua aula, coisa que muito admiro no nosso Diretor. Vai ficar muita saudade no coração da "noiva do Arraiá da Festa Junina de 1966".

Maria Avelina Torres

\*\*\*

A convivência quase diária com Pe. Almeida por vários anos, me demonstrou que ele é fundamentalmente GENTE! Gente que reconhece as suas

limitações e que por isso mesmo está sempre preocupado em evoluir, crescer e progredir. Esta qualidade abrangente do Pe. Almeida se reflete na própria imagem do Colégio que ele conseguiu moldar nestes 12 anos, como Diretor, tendo a pessoa humana como centro de suas atenções.

Com o seu humanismo e sua simplicidade foi conquistando pouco a pouco o coração de todos quantos tiveram a oportunidade de com ele trabalhar. E nesta hora de despedida só temos de agradecer ao AMIGO que tivemos como Diretor. Sua passagem por esta casa deixa um lastro marcante de amizade que acredito continuará imorredoura. Diretor ontem e hoje. Amigo sempre.

Dinah (Administração)

\*\*\*

A zeladoria do Colégio São Vicente de Paulo recebeu com muito pesar a notícia da transferência de nosso Diretor.

De início todos exclamavam:

"O que será do Colégio sem o Pe. Almeida?"

Nós já nos acostumamos com suas brincadeiras e o seu gesto amigo, principalmente quando chega um funcionário novo. Ele pergunta o nome, dá um sorriso e diz: "Qual o seu apelido?" Daí é mais uma amizade que surge entre nós.

Os que estudam à noite no SUPLETIVO ficaram logo preocupados, pois o Pe. Almeida foi o fundador do Curso e agora, como será esse Curso se a pessoa principal, que dá todo o apoio e sempre abre as portas do Colégio para tantos quantos queiram estudar, se afasta?

A meu ver o Colégio sofrerá uma queda em relação à amizade e carinho que ele leva a todos que o conhecem.

Espero que Deus esteja sempre ao lado deste que vai dar mais um passo de glória e espírito de luta para a felicidade de todos.

Enos Ribeiro (Zeladoria)

\*\*\*

Nunca pensamos que suas "ameaças" de nos deixar fossem num dia tão breve tornar-se a realidade que hoje pesa sobre nós como coisa verdadeiramente inesperada e difícil de aceitar.

Sabêmo-la, no entanto, definitiva e só nos resta dizer-lhe adeus e agradecer-lhe a lembrança tão marcante que nos deixa. Nosso trabalho de cada dia a seu lado pôde receber durante todos esses anos, inúmeras provas de sua abertura permanente para as necessidades do Outro, da sua disponibilidade certa para uma palavra amiga ou para um gesto de auxílio.

Nós lhe agradecemos, Padre Almeida. Possa o senhor espalhar entre muitos, nos seus novos caminhos, a luz confortadora da sua alma generosa e amiga. A turma da Secretaria.

Paula, Dyrce, Leda, Eneide, Leda,  
Mariza e Marlene (secretária)

\*\*\*

Apesar do que já foi dito em nome de todos nós, eu, particularmente, quero agradecer tudo o que me foi proporcionado durante esse longo período em que o senhor, dentro de sua simplicidade e amizade, dirigiu essa grande empresa, tendo momentos de alegria e muitos outros de preocupação e dissabores, sabendo sempre superar e resolver da melhor maneira possível.

Espero, que no próximo cargo que vai assumir, encontre a tranqüilidade que merece, para desempenhá-lo tão bem, como esses treze anos vividos entre nós, no Colégio São Vicente de Paulo. Um grande abraço.

Wilma (Secretária)

\*\*\*

Os alunos, professores e funcionários do Curso Supletivo, deixam através da R. Chama seus agradecimentos ao Pe. Almeida que, durante 5 anos de funcionamento do curso, prestou seu valoroso trabalho como diretor e também como professor de Francês.

Pe. Almeida, aqui fica de coração o nosso muito obrigado e os nossos votos de felicidades, paz e também desejamos êxito em sua nova função que iniciará em 1980.

Pedro Paulo (Xerife) Curso  
Supletivo

\*\*\*

Conheci o Padre Almeida quando vim trabalhar no São Vicente, em 1963, como Professor de Matemática

do antigo ginásio. Ano seguinte, ele embarcava para a Europa. Só voltei a encontrá-lo em 1967 quando, visitando as cidades históricas das Minas Gerais, fui bater no Seminário Maior, que ele dirigia, em Mariana.

Eu viajava com a família - a mulher e os três filhos. Ele colocou-nos todos numa Pick-up, que dirigia com razoável habilidade. Levou-nos, ladeira acima e abaixo, por todos os cantos adoráveis da adorável cidade. Pensávamos voltar para o Rio naquele mesmo dia. Mas anoiteceu, e o Pe. Almeida convenceu-nos a não fazer viagem noturna tão longa, ainda mais com crianças. Aceitamos a hospedagem: os homens dormiriam no Seminário, mas as mulheres - vade retro - teriam que ser alojadas no hospital que as Irmãs Vicentinas dirigiam. Surge um impasse: Oswaldo, o caçula, não queria se separar da mãe; Celso, o mais velho, nada dizia, mas no rosto se estampava a agonia de dormir naquele casarão, tão isolado e vazio naquelas férias de julho. Então, Pe. Almeida decide: vai todo o mundo para o hospital!

Manhã seguinte, bem dormidos, nos despedimos e partimos. Data daí a amizade entre o Pe. Almeida e a minha família.

Voltamos a nos encontrar no ano seguinte, quando ele veio dirigir o São Vicente. Já então encontrou-me como coordenador do colegial. Desde então, ao longo destes onze anos, temos trabalhado juntos. O empenho na construção da obra comum, a dedicação e a seriedade com que nos lançávamos às nossas tarefas, muitas vezes tangenciais, cristalizou, como não poderia deixar de ser, a amizade nascida da sua hospitalidade lá na adormecida Mariana. Divergimos, não poucas vezes. Algumas delas, até com razoável aspereza. Mas valeu a pena: delas surgiram concepções comuns, que nos levaram, após todos esses anos, a uma visão muito próxima, dos conceitos de escola, de educação, de educador que espero conservar, mesmo agora quando já não o tiver por perto, para dialogar e para divergir...

Prof. Jorge Luiz

\*\*\*

## VAI E FICA

Vai Padre Almeida, quem é de Cristo não pode parar. Você é autêntico, engajado, comprometido, confiante, construtivo e comunitário!...

### "ENTRA NA CASA DO SENHOR COM CÂNTICOS DE ALEGRIA"

*Os grandes homens nascem à sombra da cruz e por onde passam, deixam sua marca.*

*Vai, Padre Almeida, a saudade também é presença.*

Zezé

\*\*\*

## AMIGÃO

Agora, na hora da despedida  
Lembro quem, em todos esses anos,  
Muita gente conquistou  
Estou temendo tão rápida partida e  
Imaginando que a falta do amigo,  
Do amigão de todas as horas,  
A saudade em todos vai deixar.

Olga Maria (Mecanografia)

\*\*\*

## HORA H

Hora de começar  
e para deixar hora há  
na vida de todos um H

De ter, de estar, de ser, de  
haver sido de todos o amigo H  
de todas as horas

Por passar tanto tempo conosco,  
por ter vencido juntos tantas horas  
é que não é fácil agora  
dizer que se vá.

Padre Almeida, a poesia é meu lema de vida e nesta hora de despedida, por sentir sua presença amiga, poupo a garganta comovida que não diria o que a pena dita neste agora e nesta hora.

Foi para mim a ternura do seu eu e a segurança do seu apoio o aumento da soma do que acredito no Homem.

Ivonilde  
Pela Coordenação do 1º grau

\*\*\*

A propósito da partida de um amigo nos inspiramos no Eclesiastes:

"Todas as coisas tem o seu tempo e todas elas passam debaixo do céu, segundo o termo que a cada uma foi prescrito..."

Há tempo de nascer e tempo de morrer.

Há tempo de plantar e arrancar o que se plantou.

Há tempo de destruir e tempo de edificar.

Há tempo de chorar e tempo de rir. Há tempo de adquirir e tempo de perder.

Há tempo de calar e tempo de falar.

Há tempo de guerra e tempo de paz.

Há tempo de anúncio e tempo de denúncia.

### É O MOMENTO DE UMA INSTITUIÇÃO ANUNCIAR EM VOZ ALTA O SEU PREITO DE GRATIDÃO.

É tempo de olhar para trás e agradecer o que foi edificado.

É tempo de agradecer a doação de uma vida a serviço da Educação Cristã.

É tempo de reconhecer seus 6 anos de presença qualidade.

É tempo de preservar os valores adquiridos por sua experiência.

É tempo de partilhar as experiências que o fizeram sorrir e as que o fizeram chorar.

É tempo de refletir a fidelidade pelo que pede a Igreja hoje.

**O DESEJO DA AEC É QUE VOCÊ, PE. ALMEIDA, POSSA CONTINUAR, COMO ATÉ AQUI, ENOBRECENDO E DIGNIFICANDO SUA EXISTÊNCIA COM ATOS DE BONDADÉ, JUSTIÇA, LIBERTAÇÃO E DISCERNIMENTO.**

... é e será tempo de paz.

Associação de Educandários  
Católicos - Rio

\*\*\*

### O SÃO VICENTE, NÓS E O PE. ALMEIDA

Aí está o São Vicente, plantado na Rua Cosme Velho, 241. Como ele, centenas, por este Rio de Janeiro.

Pode-se passar por ele e vê-lo como um colégio a mais a compor o quadro deste bairro.

Entretanto, por de trás e por dentro de seus altos muros, toda uma história lhe confere um corpo, uma fisionomia, uma alma, uma identidade que o tornam inconfundível. Uma instituição de corpo e alma. Sobretudo, com uma alma que faz vivo o corpo. Um feixe de crenças que o anima e o põe a andar.

O São Vicente, à beira de sua maioridade cronológica, tem uma história única. Relativamente curta no tempo fluido, longa porém, na andança perseguindo utopias com os pés firmes no chão de sua densa realidade.

Nesta busca de sua identidade referenciada à sua filosofia (penosamente descoberta), as pessoas que tripulam este barco respondem por este itinerário longo de duas décadas. Respondem e explicam o São Vicente de hoje.

Ao longo desta caminhada demos passos vacilantes de criança.

Passamos por períodos mornos de estagnação. Atravessamos a fase do deslumbramento com a descoberta de uma vida real: a nossa filosofia, contida no documento de Medellín. Veio o grande avanço, estimulados por esta bandeira, navegando fustigados pelos perigos e pelos desafios da fase política em que o País vivia. Depois, a crise. A constatação e a consciência cada vez mais aguda da distância, separando os grandes meios da filosofia libertadora e sua encarnação no fazer. No dia a dia da sala de aula.

Ficamos um pouco como Édipo diante da esfinge. Lutando, não por decifrar o enigma da crise, mas no como abreviar o fosso desta contradição.

E passamos a lutar com humildade, insistência e honestidade, apesar de 1979...

No corpo deste grupo de pessoas está o Pe. Almeida.

O Pe. Almeida da 1ª a 21ª hora.

O que esteve presente ao nascimento e presente ao longo de toda a caminhada dos quase 21 anos.

Presente como simples operário em sala de aula, nos recreios, nos corredores, no refeitório, na capela e nos passeios.

Presente ao leme do barco, como diretor e à frente do rebanho, como Pastor.

Com humildade, caminhando e cansando.

Caminhando e avançando; esperando e desesperando; buscando e aachando também; dialogando e ouvindo; falando e ouvindo o próprio eco também. *Manejando com persistência o tridente: ação-reflexão-ação. Tentando teimosamente a superação de suas limitações pessoais (quem te viu e quem te vê!).* Apreendendo dia a dia com a comunidade e com a realidade. Buscando sempre o equilíbrio, que é a busca da própria sabedoria.

O Pe. Almeida pode afivelar, com tranquilidade, as malas, pesadas "de muita experiência feita" de São Vicente.

Por este lado, não nos entristecemos com sua saída. Nós o ajudamos a crescer. E como um irmão que parte para outro destino equipado com a colaboração de todos.

Acho que o Pe. Almeida tem o direito de descansar. De puxar um bom sono sobre os feixes de trigo, plantados com suor, bem ceifados e bem colhidos. E partir para outra.

Pe. Almeida, você pode ir em paz, embora toda a casa sinta e lamente a perda.

*Afinal, é um companheiro de trabalho, um amigo e um irmão que se vai.*

Acredito que levamos tempo para aceitar e conviver pacificamente com sua ausência. Somos humanos e a maioria dentre nós fez do São Vicente sua segunda família. Não é sem razão que um número expressivo de funcionários tem mais de 15 anos de casa.

Sai o Pe. Almeida, mas fica aí a com muito tijolo dele, garantindo-lhe a presença.

Ficamos na expectativa e na esperança de Pe. Lauro.

Esperamos e confiamos, na função de Diretor, a obra que temos nas mãos, fruto de tantos esforços conjuntos.

Esta esperança amortece e suavisa o inesperado impacto da mudança.

Venha, Pe. Lauro, para esta casa, que é de toda a família do São Vicente.

O Pe. Almeida lhe deixa a casa, não digo arrumada - uma casa como esta nunca está muito arrumada - mas, viva, em luta, trabalho e movimento. Tem problemas, é verdade, mas com esperança e propósitos de levarmos corresponsavelmente, com fé, esta obra que todos nós amamos.

A. R. Tedesco

# RELEMBRANDO ...

No começo, apenas Diretor do Colégio que nos acolhia, apoiava, observava, porém à considerável distância.

Tivemos por vários e frutíferos anos a presença do Pe. Nogueira, figura inesquecível pelo amor e dedicação que deu ao nosso trabalho, e ao nosso lado era também a ponte que nos unia à Direção do Colégio.

Com a incrível e irreparável perda ficamos, subitamente, sem nosso assistente espiritual, sem nosso companheiro amigo e incentivador.

Ainda me lembro da reunião feita para escolhermos o novo companheiro. Seu nome Pe. Almeida, veio naturalmente, com o carinho e a determinação da unanimidade. Mas me lembro também do nosso medo que não nos aceitasse e cada uma revelava o seu temor: "ele é muito ocupado. . ." "não terá tempo para nós. . ." e assim as conjecturas se avolumavam.

Feito e aceito o convite, ficou em nós aquele leve temor da não aceitação e adaptação ao grupo.

Isto aconteceu no início do ano e hoje, com lágrimas nos olhos, recordamos os fatos que se seguiram: as primeiras reuniões cerimoniais, cheias de cautela e por que não até de um "medozinho" de ambas as partes.

Não vamos esquecer nunca, de como pouco a pouco fui se quebrando e gelo. Com as nossas queridas aulas de atualização religiosa, fomos nos aproximando também espiritualmente e a nossa afinidade foi se revelando cada vez mais forte.

Fomos ficando assíduas alunas, incrivelmente interessadas, mal podendo esperar o dia da semana em que nos falará sobre a missa e depois sobre a Bíblia Sagrada, e vislumbrávamos futuras séries de palestras que nos faria cada vez mais fortes, unidas e sábias.

Ah, Pe. Almeida, que pena! Eis que agora estamos despedindo-nos. Quantas coisas não poderíamos ter feito tanto no campo Assistencial como espiritual, com o seu apoio.

As despedidas são terríveis, quando existe amor, amizade e respeito entre

os protagonistas e, existindo estes sentimentos entre você e as senhoras da Caridade de S. Vicente de Paulo, não queremos dizer adeus e sim que nos leve em sua lembrança e em seu coração (exatamente como ficou no nosso), e que se lembre sempre dessas suas almas tão carentes e tão entusiasmadas pela sua dedicação e carisma ao nos ensinar a receber melhor e mais profundamente a palavra de Deus.

Seja feliz. E no grande vazio que deixa em nossa obra e no nosso coração, encheremos com preces para que possa fazer, no seu novo destino, o bem que fez ao nosso colégio e particularmente às suas amigas do grupo de caridade. Obrigada, Pe. Almeida

## Senhoras de Caridade

\*\*\*

Pediram-me um artigo para a revista CHAMA. Lembrei-me então, do Senhor, do primeiro pensamento que me veio à cabeça quando me comunicou sua saída: termina aqui uma convivência amiga que durava de 1959 até hoje. Comecei então a analisar minha vida de lá para cá. Entrei para o São Vicente trazendo uma bagagem de formação recebida de seus coirmãos do Caraça e Petrópolis. Trazia, naquela época, dentro de mim, aquela disciplina rígida, repressiva, que era exigida a todos os alunos que pelo Caraça passavam. O senhor não foi caracense, talvez não tenha tido aquela mesma formação que nos tirava um ponto da nota de comportamento por um simples sorriso no estudo, na fila ou na capela. Não que esta educação tenha feito mal a mim, pelo contrário, ajudou-me a crescer, a viver em comunidade, a respeitar meus semelhantes. Os tempos, contudo, mudaram.

A televisão está aí, e conseguiu mudar em pouco tempo toda uma mentalidade que dirigia o mundo a séculos. Foi com esta bagagem, que juntos, trabalhávamos na disciplina no

início do São Vicente e era esta a disciplina que exigíamos dos alunos.

Com o correr dos anos, fomos encontrando outros caminhos. Caminhos que orientavam os alunos dentro de uma filosofia de valores, que fariam Pe. Antonio da Cruz estremecer, que fariam os padres que foram meus disciplinários arrancar os cabelos.

O sentido que víamos nesta filosofia legada pelos Bispos de Medellin, procuramos aplicá-la no São Vicente. É claro que muito pouco se conseguiu, pois, a educação libertadora é uma reviravolta de 360° sobre educação, desde que o mundo é mundo. Pena que poucos alunos assimilaram aquilo que o Colégio lhes proporcionava.

O nosso trabalho ficou mais difícil, pois, alguns alunos usavam a "Libertadora", como eles a chamavam, para justificar malandragem, disciplicência e irresponsabilidade.

Várias vezes tive vontade de parar, parecia-me que remava contra a correnteza. Em algumas oportunidades, procurei pelo senhor, para transmitir-lhe minha preocupação diante das crescentes dificuldades e, encontrava, no senhor, aquela calma, que, com palavras certas, indicava as saídas e os caminhos por onde devia conduzir a canoa, dentro desta avalanche, que são os jovens de hoje, fruto de uma sociedade em evolução.

Tudo isto, Pe. Almeida, digo-lhe em nome de todos aqueles que trabalham diretamente comigo na disciplina. Agradeço em meu nome e em nome deles, toda ajuda profissional que nos deu, sempre que dela precisávamos.

Fica, contudo, dentro de nós, aquela interrogação: e agora?

É claro que todos do S. Vicente esperam do seu sucessor o mesmo humanismo, a mesma compreensão, o mesmo espírito de luta que marcaram sua pessoa nestes 20 anos, a maioria deles como diretor mas, sobretudo, como educador.

Guimarães

## O PRESENTE DE NOSSA SENHORA

"O Senhor fez em mim maravilhas...".

Tudo começou assim. AQUELE que viria salvar a humanidade, estava para chegar e Maria de Nazaré foi a escolhida para ser a sua Mãe Santíssima.

Quanto tempo se passou... até que um dia surgiu lá na França um Movimento que se entregou totalmente sob a proteção de Nossa Senhora.

Esse Movimento cresceu e chegou ao Brasil — EQUIPES DE NOSSA SENHORA — que em Maio de 1980, fazem 30 anos no nosso país.

Acontece que Nossa Senhora faz também suas escolhas, e às vezes nos usa, nós mesmos, pobres e pequenos filhos seus, que sabem apenas dedicar-LHE muito amor. Mas, Nossa Senhora sabe tão bem quem escolher, quem quer colocar junto a si, quem quer neste seu Movimento...

Há quase 9 anos atrás, através de um casal dos pioneiros das ENS do Rio, "chamou" o Pe. ALMEIDA para ajudá-la a levar avante o SEU Movimento.

Ocupadíssimo, cheio de compromissos, sem mesmo saber bem, o que fazer junto aos tais casais, ele, o nosso Pe. ALMEIDA, também deu o seu SIM a NOSSA SENHORA e aí, come-

çou a segunda parte desta história...

Foi num mês de julho, como esquecer, que nosso querido amigo, assumiu sua 1ª Equipe como Conselheiro Espiritual, e com ela "permanece" até hoje.

Amor, dedicação, carinho, amizade, quanta coisa, estes privilegiados casais e suas famílias poderiam dizer...

Assumiu uma segunda Equipe, com o mesmo carinho e dedicação, e também junto a este novo grupo o amor foi recíproco. Com eles continuou até hoje.

Tornou-se Conselheiro Espiritual "ainda" de um dos Setores da zona sul (Setor C).

Sua participação, seu interesse, seu entusiasmo pelas EQUIPES DE NOSSA SENHORA, começou a ser notado por todos, começaram a inúmeras solicitações, todos se espantavam... "Pe. ALMEIDA está sempre presente... não sabe dizer NÃO?"

Era amor, muito amor, muita dedicação, espantosa "disponibilidade", tornava-se muito querido e de repente, o Movimento no Rio já o amava...

Como Conselheiro agora, de não "apenas" 2 Equipes e 1 Setor, passou a Conselheiro Espiritual da Região toda do Rio de Janeiro.

O Brasil passou a conhecê-lo e tê-lo mesmo, como um exemplo de dedicação ao Movimento.

Suas andanças como Conselheiro Espiritual das ENS pela Região Rio de Janeiro, por São Paulo, Belém, Manaus, Friburgo, traziam cada vez mais a felicidade em nós casais equipistas, que tanto precisamos de sacerdotes como ele.

Dar adeus ao Pe. ALMEIDA, nos parece tão absurdo, que nos recusamos a fazê-lo. Apenas, nós aqui do Rio de Janeiro, nos regozijamos com os nossos queridos irmãos das ENS de Belo Horizonte que vão tê-lo mais perto, pois sabemos que Nossa Senhora, assim como foi escolhida um dia, também um dia o escolheu para o seu Movimento e certamente dele ainda muito vai precisar.

Querido AMIGO, querido CONSELHEIRO, queridíssimo Pe. ALMEIDA, as EQUIPES DE NOSSA SENHORA da Região do Rio de Janeiro, vão sentir muito a sua falta, a sua presença constante, mas o Movimento é Brasil, é Internacional, é seu, e o quer.

NOSSA SENHORA, Mãe querida, abençoe o nosso Pe. ALMEIDA!

Mary Lise Paiva.

## Autores e Livros

**Frei Leonardo Boff**

O Pai-Nosso — a oração da libertação integral

**Frei Leonardo Boff e Pe. Clodovis Boff**

Da Libertação — o sentido teológico das libertações sócio-históricas

**Frei Clemente e Pe. Henrique Kesselmeier**

Por que optar por Cristo, hoje?

**Nunes Pereira**

A Casa das Minas  
Culto dos Voduns Jeje no Maranhão

**Pedro Lyra**

Literatura e Ideologia  
Ensaio de Sociologia da Arte

**Nilson Lemos Lage**

Ideologia e Técnica da Notícia

**Ofélia e Narbal Fontes**

Precisa-se de um Rei

**Mary Rangel**

Supervisão Pedagógica: Um Modelo

**Ronaldo R. de Freitas Mourão**

Buracos Negros — Universos em Colapso

**Ciro Flamarion S. Cardoso**

Agricultura, Escravidão e Capitalismo

**Ricardo Bueno**

Por que os preços sobem no Brasil?  
Uma explicação para o povo

**Roberto Burle Marx**

Homenagem à Natureza



EDITORA VOZES LTDA.

Rua Senador Dantas, 118 - Loja I

Tel. 242-9571

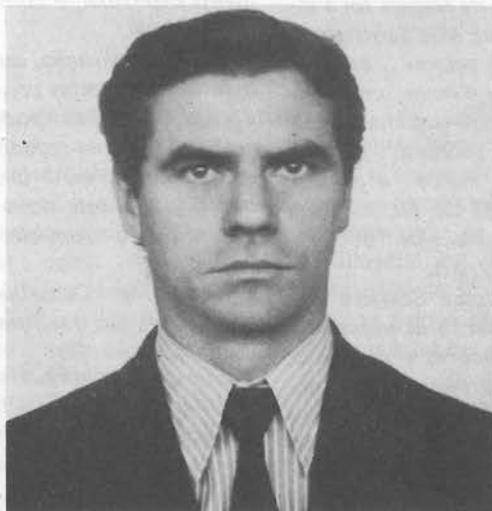
# VAI O PADRE ALMEIDA CHEGA O PADRE PALU

O Colégio São Vicente de Paulo — todos sabem — é de propriedade de uma Congregação Religiosa de Padres, a Província Brasileira da Congregação da Missão. São Vicente é o fundador desta Congregação e de outra Congregação feminina, a Congregação das Filhas de Caridade. O Superior Geral, sucessor de São Vicente, eleito, cada seis anos, é o responsável maior por esta dupla congregação religiosa em todo o mundo. Dele, de Roma, veio a nomeação do atual Diretor de nosso Colégio para Diretor Canônico das Filhas de Caridade, da Província de Belo Horizonte, MG.

O Pe. Almeida aceitou a nomeação. Consagrou-se a Deus, em nossa Província, para servir. Em espírito de obediência e serviço, dispôs-se a partir de nosso colégio para suas novas funções.

Mas o Colégio deve continuar e necessita de novo Diretor. Foram feitos contatos entre os padres da Província. Reuniu-se o Conselho Provincial. A própria comunidade do Colégio apresentou sua lista, encabeçada pelo Pe. Lauro Palu.

Ninguém melhor do que o Pe. Lauro Palu para substituir o Pe. Almeida. Um dos grandes intelectuais de nossa Congregação, sempre esteve ligado à educação desde os primórdios de sua ordenação sacerdotal, em Petrópolis, em setembro de 1964. Durante os três primeiros anos de sacerdote, trabalhou no Seminário Maior de Mariana, MG, como professor de Metafísica, Psicologia Racional e outras disciplinas ligadas à Filosofia. Também, em Petrópolis, lecionou tais matérias em nosso Seminário Maior e na Universidade Católica. Fez pós-graduação em Porto Alegre, RS. Mais tarde, nova licenciatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Faculdade de Lorena, SP. Nesta mesma Faculdade, durante vários anos, lecionou disciplinas diversas ligadas à sua especialidade, já como Superior de nosso Seminário Maior Bom Jesus, em Aparecida e responsável pela formação de nossos futuros sacerdotes. Em 1977, já em Belo Horizonte, sempre responsável pela formação dos nossos, até o momento exerceu as funções de Superior e Diretor de nosso Instituto São Vicente de



Paulo, na capital mineira, continuando na missão de professor efetivo de Filosofia na Universidade Católica de Minas.

Ao entrar na casa dos quarenta anos de idade e quinze de sacerdócio, ninguém mais bem indicado para a árdua tarefa e da maior responsabilidade de Diretor do Colégio São Vicente de Paulo, no Rio. Deixa uma lacuna, quase impossível de preencher, em suas atuais funções. Mas nos deixa tranquilos na sucessão do Pe. Almeida, que se afasta do Colégio, em um momento dos mais difíceis e delicados.

Temos certeza que, dentro de muito pouco tempo, estará o Pe. Lauro perfeitamente ambientado em suas novas funções. Estamos também absolutamente certos que toda a comunidade do Colégio — padres, professores, funcionários, principalmente os alunos que são a nossa razão de ser, todos, sem exceção, desde o mais humilde servente até a Associação de Pais e Mestres, todo o Colégio enfim, em todos os seus departamentos, todo o Colégio, qual uma verdadeira e imensa família, como sempre afirmou o Pe. Almeida, todos, muito breve, sentirão o grande valor do Pe. Lauro Palu e como se enriqueceu o Colégio com sua presença.

Espero que conseguirá reunir a todos, em torno de sua pessoa, líder nato que é, cheio de responsabilidade, de capacidade de trabalho, com o condão de servir, e de servir com dedica-

ção, com amor, com desprendimento.

Sentimos muito a partida do Pe. Almeida, devedores que todos somos, insolváveis, destes anos todos, bem mais de uma dezena, vividos em função do Colégio. Nós todos o acompanharemos com nossa saudade, profundamente invejosos de todas aquelas almas, às quais distribuirá, com o seu carinho, a sua dedicação, a sua amizade, as suas qualidades de mestre e de pai. Ele seguirá com os nossos votos do maior êxito em seus novos empreendimentos. Sentir-nos-emos compensados de sua ausência, sabendo-o, sacerdote de Cristo e filho espiritual do grande São Vicente, a espalhar o bem por onde passe.

Obrigado, Pe. Almeida, por todos estes anos de São Vicente, por todo o bem, por toda a amizade, por sua inteira disponibilidade. Mas volte sempre, ainda que a passeio, ainda que correndo, ao seu São Vicente. Volte para juntos matarmos ou, ao menos, tapearmos estas saudades muitas, que sabemos, que você sabe, são recíprocas.

E você, Pe. Lauro Palu, venha tranquilo, que o recebemos de coração aberto. Ainda há muito por fazer neste Colégio que você ama e que muito espera desta grande capacidade que você tem de trabalho, de dedicação, de amor.

Pe. Alpheu Custódio Ferreira, C.M.  
Provincial



Foto de Delacroix

# A VEZ DE QUEM SE VAI

Pe. Almeida

Em vista de minha próxima despedida, os presentes eventos por menores que pareçam, passam a ter significação especial devido ao amargo gosto de "última vez".

Perguntam-me como me sinto diante desta transferência; sobre meus projetos e, principalmente, sobre minha visão deste período de quase 21 anos de S. Vicente, sobretudo os quase 13 de Direção do Colégio e, por conseguinte, qual a dimensão de minha saúde.

Sobre o futuro, aceitei a indicação dos superiores como voz de Deus, abstenho-me de conjunturas. Em visão global, consiste no seguinte a minha nova função: serei Diretor da Província de Belo Horizonte das Filhas de Caridade (Irmãs Vicentinas), com a missão de ser junto delas um "representante" do Superior Geral pelo respeito à orientação espiritual, teológica, jurídica e comunitária.

Note-se que as Filhas de Caridade têm como característica uma união jurídica à Congregação da Missão (Padres Vicentinos, também chamados "lazaristas"). Em consequência, as duas Congregações possuem um mesmo Superior Geral que se faz representar por tantos Diretores Provinciais quantos são necessários ao atendimento das 40 mil Irmãs espalhadas no mundo.

No Brasil, elas têm cinco Províncias, abrangendo a de Belo Horizonte, além do Distrito Federal, os Estados

de Minas Gerais e Goiás.

Sobre meus 21 anos de S. Vicente eu poderei falar a partir de um olhar objetivo.

No último número de "A Chama", no Artigo da Comemoração dos 20 anos do S. Vicente, eu creio ter respondido em grande parte a esta questão.

Não custa, entretanto, respingar, por alguns instantes, meandros obscurecidos da memória afetiva, para acrescentar mais alguns dados.

— **Disciplina** — Minha primeira atuação no Colégio foi como Coordenador de disciplina. Há 20 anos (quase 21), a Disciplina, quer preventiva, quer punitiva, era fator pedagógico primordial. Discutia-se ainda a necessidade da manutenção do silêncio absoluto nas fileiras de pós-recreio, nos corredores etc. E as atitudes submissas em sala eram critério de bom comportamento.

— Sendo, inicialmente, muito heterogênea a turma de alunos de Alfabetização à 5ª série, o cargo tornou-se prova de fogo de que só não saí "queimado" graças à dedicação dos primeiros auxiliares, entre os quais figuraram, desde o início, José Eugênio, Dequinha, logo seguidos de Guimarães, sem esquecer Maria Inês, Ana (que acabam de nos deixar) assim como tantos outros que se foram sucedendo na ingrata tarefa coercitiva. Hoje, a gente se pergunta sobre a validade de tal esforço; na época, face

ao "salve-se quem puder", muito pouco tempo se tinha para filosofar"

— **Magistério** — Intermitentemente fui professor. Primeiro de História, depois de religião, finalmente de língua francesa no curso supletivo. Tão fugazes essas temporadas e, às vezes, tão agitadas que, à exceção do supletivo, nada acrescentarão à bagagem das boas recordações.

— **Direção** — Para ocupar o posto vacante com a ida do Pe. Marçal para Roma (1967) fui escolhido pela Comunidade sacerdotal, bem numerosa àquela altura, e que me prestou incondicional apoio. Deixo aqui ainda expressão de admiração por aquelas excelentes reuniões de aprofundamento teológico, pós-conciliar ou de reflexão filosófica sobre a orientação renovadora que já se imprimia à obra. Lamentavelmente, as "saídas se sucederam desde 67 e nosso número só fez diminuir.

Relembro, por justiça, o papel dos coordenadores com quem, desde o início, fui repartindo o ônus pedagógico. Nossos orientadores passaram a ser, de fato, os Diretores de ensino nos seus respectivos níveis e, até o presente, têm sido os primeiros arquitetos do grande edifício em permanente construção.

Em consequência dessa posição tomada, raramente tratei diretamente com o professorado, o que, de certo

modo, me privou de maior contacto com aqueles que são na Escola o termômetro do bom andamento.

No mesmo sentido, registro a gratidão às sucessivas Diretorias da A.P.M. e a admiração pelos vários grupos de alunos que, a duras penas, vão sustentando a liderança através das Diretorias de Grêmios.

Fora do Colégio, durante estes quase 13 anos, exerci, por força das circunstâncias, atividades paralelas que, por um lado, me tomaram tempo e atenção devidos à Direção da Escola; por outro, me ajudaram seguramente a equilibrar as forças interiores. Refiro-me, sem me alongar:

à **Associação de Educação Católica do Rio de Janeiro**. Conhecendo-a de há muito, não podia deixar de dedicar-lhe o mínimo interesse que consistia, inicialmente, em estar presente às reuniões sempre que convocado. A este dever de associado sobreveio o de colaboração direta, quando, em 1969, foi solicitada minha presença na Diretoria. A princípio, quase simbolicamente como "figurante" de "Tesoureiro", depois de Vice-presidente; por último, como Presidente, de início de 74 até a presente data (novembro 79). Por extensão, exerci mandatos como membro da Diretoria da AEC do Brasil e do Conselho Superior, na qualidade de Conselheiro e Tesoureiro.

A tais títulos correspondem funções que lutei por desempenhar, mesmo ao preço de freqüentes ausências, quer por reuniões semanais ou mensais, quer para Congressos no Exterior (Lima e Bogotá) em plano elevado, consciente de estar então, a serviço da Educação e da Igreja e, portanto, da própria Escola.

**Capelania e Paróquia.** Quase sempre assumi o serviço de alguma Capelania com a obrigação da missa diária ou semanal e assistência espiritual à respectiva Comunidade.

Nos primeiros anos de Rio, tal ministério se exerceu junto a diversas comunidades do bairro Botafogo, como Educandário Sta. Tereza, Hospital S. Zacarias; nos últimos 12 anos, mais perto do Colégio: Comunidade das Irmãs Palotinas, Comunidade Sta. Úrsula, Comunidade de Sion, Paróquia S. Judas Tadeu, para só mencionar os que exigiam maior assiduidade.

**Equipes de Nossa Senhora** — Desde 1971, estive presente, como Conse-

lheiro Espiritual, às Equipes de Nossa Senhora, Movimento de Espiritualidade Conjugal e Familiar. Quem já pensou no que representa a Família como garantia da saúde social e eclesial pode avaliar a importância de tais movimentos. Além da assistência a duas equipes, fui sucessivamente Conselheiro Espiritual de um "setor" e, ultimamente da Região-Rio. Nesta função, acabo de ir a Manaus e Belém pregar retiro às equipes do Norte, pertencendo ao nosso "Regional"

**Cursos — Congressos, Encontros**  
Nenhum "executivo" pode furtar-se hoje ao comparecimento a movimentos de atualização e "reciclagem". Procurei estar presente à maioria dos Congressos de Educação e Cursos, quer promovidos nos Estados pela Federação dos Sindicatos dos Estabelecimentos de ensino (CONEPES), quer pela AEC e outras Entidades no Rio de Janeiro.

No mesmo espírito de servir e sempre com muito carinho, pus-me, na medida do possível, à disposição dos amigos e dos membros da Família do Colégio para o ministério sacerdotal extraordinariamente, como casamentos, batizados, celebrações de grandes datas (15 anos, Bodas) ou para momentos de dor e luto (unção dos enfermos). A exigüidade do tempo me impediu tantas vezes uma presença social mais assídua a convites, pelos quais nem sempre externei devidamente a atenção e gratidão que mereciam.

A visão subjetiva chama-se saudade e exige engenho e arte para ser devidamente comunicada. É a presença afetiva que prossegue quando o tempo e o espaço nos tiverem roubado os entes queridos, quer sejam pessoas, quer lugares e objetos, pois que a seu toque mágico, tudo se personifica.

Em relação ao Rio, ao Colégio e sobretudo, às pessoas de minha convivência, sinto-me no limiar desta nova fase de existência, no limiar da saudade.

Em doses por hora imponderáveis mas bem previsíveis, calculo bem quanto esta fase poderá influir em meus dias vindouros; por isso lhe presto antecipadamente um preito de reverência, já que, tendo sempre pretendido ser "humano", teria como inautêntica qualquer atitude de falsa sublimação desta agro-doce realidade interna.

Sob o influxo desta misteriosa luz é que passo agora a analisar o que para mim começa a ser passado, assim como a entrever novos dias de esperança para todos que aqui ficam a dar continuidade ao que deixo.

Vejo, como sempre, o positivo mesclado de lacunas em tudo o que fiz ou vi:

Positivo, todo o esforço no sentido de com o respaldo do Documento de Medellín, libertar a Educação de tantos condicionamentos que faziam do relacionamento "mestre x discípulo" mal disfarçada relação "sujeito x objeto", da Escola, uma detenção; da Disciplina, uma opressão e, da Educação, uma repetição de modelos sociais.

Posto que numa visão parcial, lutou-se nesta casa por um ideal que, pelo menos durante dez anos, objetivou novas programações, novos passos e sobretudo, nossas preocupações.

Na qualidade de Diretor, procurei assumir a posição de centro propulsor e de defensor nato naquela "filosofia".

Não é menos verdadeiro que a falta de visão mais clara, em tempos tão tempestuosos, a carência de maior tempo para refletir a planejar, a ausência de avaliação periódica e sistemática, etc., nos conduziram a riscos e exageros que hoje, quem sabe, alimentados pela experiência, seríamos capazes de contornar.

Para não fatigar o leitor — caso tenha chegado até aqui — abstenho-me de pormenorizar, deixando aqui apenas a insinuação de um estudo crítico mais denso a ser um dia levado adiante, em benefício do futuro das "Instituições Educacionais" como pretender ser o Colégio São Vicente de Paulo.

Meu último pensamento é de esperança. o rodízio é um dos princípios de renovação das Instituições. A mudança de Direção na Aurora de nossos tempos pode parecer indesejável mas, quem sabe, não será a chave de novas conquistas. No caso presente, é mais que simples hipótese, já que consciente de minhas limitações e de razoável cansaço, deixo o cargo nas mãos de quem, bem mais jovem e muito mais apto, terá ânimo para vãos mais altaneiros, apoiado por todos os que, continuando de mão no arado, receberão um dia as bênçãos do Senhor da Messe, pela disposição de olhar sempre à frente.

# ARTUR DA TÁVOLA

## ESCREVE

# TRAGUINHO OU BEBEDEIRA, EIS A QUESTÃO

Não estou entre os que se filiam à idéia de que a televisão tem o poder de transformar em exemplo tudo o que apresenta. Há, sim, fatores de mimetização de comportamentos obtidos através dos mecanismos de identificação com personagens ou pessoas que servem de padrão para alguns telespectadores de convicções mais débeis. Mas daí a tudo se transformar em exemplo, vai um abismo. É constante, até, acontecer o contrário.

Em geral a TV serve (e isso está provado em pesquisas) muito mais para reforçar convicções já existentes que para mudá-las ou alterar substancialmente comportamentos, padrões morais, éticos etc.

Tenho em minhas mãos um trabalho do "The Christian Science Monitor" sobre a presença do álcool na TV norte-americana. Com o cuidado e a seriedade desta publicação e com o hábito tão norte-americano de basear suas matérias em pesquisas, o longo artigo do confrade John Dillin mostra o quanto a moçada aparece bebendo. Ao final ele se pergunta se isso seria um exemplo dado pela televisão, ou ao contrário, apenas o reflexo de uma tendência.

Do seu enfoque, do qual abaixo transcrevo apenas a primeira parte por razões de espaço, só não concordo com um ponto: ele atribui às redes o uso de bebidas alcoólicas nos programas apresentados pela televisão, quando a maior parte dos exemplos citados e dos materiais pesquisados é referente

às séries filmadas que, como se sabe, não são produzidas pelas redes de televisão e sim pela indústria cinematográfica. De qualquer maneira é matéria muito interessante e recomendo a leitura. Ei-la:

"O uso do álcool, nos programas de televisão, deve ser desestimulado. Quando mostrado, há que ser absolutamente coerente com o enredo e as características da personagem". (Código da Televisão — Associação Nacional de Emissoras dos Estados Unidos).

As bebidas alcoólicas — do vinho ao uísque — são atração de oito em cada dez programa de TV no horário nobre, nos EUA. Não obstante o código adotado pelas emissoras, que impõe o desestímulo a tal tipo de bebida, as três principais redes americanas fazem do álcool o líquido mais comum em sua programação.

Uma equipe do **The Christian Science Monitor** observou durante 250 horas a programação regular no horário nobre e constatou a quase onipresença das bebidas alcoólicas — em filmes como "Mannix", em shows como "Maude", em comédias como "Gunsmoke".

"Gunsmoke" e "M.A.S.H.", ambos levados ao ar pela CBS, apresentaram a maior incidência de álcool em programas desse horário. As bebidas entravam em cena, em média, a cada oito minutos. E ressaltou-se que a série "M.A.S.H." foi selecionada, pela rede de emissoras, para a nova programação destinada à família no outono deste ano.

A televisão vem mantendo as substâncias alcólicas em posição de destaque diante dos olhos do público, a despeito da proibição contra anúncios comerciais em favor do álcool.

A pesquisa do **Monitor** prolongou-se por mais de dois meses. Cada espetáculo semanal regular no horário nobre (das oito às onze da noite) foi visto, pelo menos, quatro vezes, exceto nos casos em que a programação foi alterada pelas emissoras durante esse período. Todos os programas foram gravados em tape para possibilitar a maior exatidão possível.

Os observadores anotaram cada cena em que bebidas alcoólicas eram ingeridas, servidas, mostradas na tela ou mencionadas pelos artistas. Ao todo, 249 programas foram gravados, e

## CHAMA 16

as cenas envolvendo algum tipo de bebida foram constatadas em 201 deles. Bebidas mais fortes (entre as quais uísque, vodca e rum) apareceram em 155 desses programas (62 por cento). Incluindo bebidas como champanha, cerveja, vinho e outras não destiladas, a contagem atinge 80 por cento.

O álcool, segundo a pesquisa, é a substância líquida mais popular na televisão. Os atores raramente o trocam por café, chá, refrigerantes, sucos ou água. E sua incidência é grande em qualquer das três principais cadeias de emissoras americanas. As estatísticas finais demonstraram haver uma diferença insignificante no quadro geral das programações da CBS, NBC e ABC.

A CBS, com "M.A.S.H." e "Gunsmoke", apresentou os dois primeiros lugares dentre os programas de maior

incidência alcoólicas. A CBS é também responsável pela transmissão de outros três espetáculos constantes da lista dos dez mais do álcool: "Mannix", "Cannon" e "Os Jeffersons". E a mesma rede liderou, ainda, o percentual de programas em que havia referência a algum tipo de bebida alcoólica: 83 por cento.

A NBC levou ao ar três dos programas incluídos na lista dos dez mais: "Police Story", "Petrocelli" e "Sábado à Noite no Cinema". Além disso, liderou a porcentagem de espetáculos em que apareciam bebidas mais fortes: 66 por cento.

A posição da ABC é levemente inferior à das duas outras redes de emissoras. A referência a bebidas alcoólicas ocorreu em 81 por cento dos programas no horário nobre, sendo que 62 por cento faziam menção a bebidas

mais fortes. Os shows da ABC incluídos entre os dez mais foram "Harry 81 horas. Verificou-se que substâncias alcoólicas foram apresentadas nada menos que 230 vezes. Durante o mesmo espaço de tempo, tendo em vista estabelecer um paralelo, bebidas não alcoólicas apareceram 159 vezes (café, 95 vezes; leite 16 vezes; refrigerantes 13; chá 11; sucos 4; ponche 2; milkshake 1 e limonada 1)."

O", seriado de detetives, e "Filme Semanal de Terça-feira". Em "Harry O" por exemplo, algum tipo de bebida alcoólica era ingerido, servido, citado ou apenas mostrado a cada onze minutos e meio.

A programação da CBS ilustra bem a ênfase dada pela TV ao álcool: foram estudados 87 programas dessa rede de emissoras, totalizando um período de

## UM CRIME REAL

Diariamente, atraída pelas propriedades medicinais das águas férreas, a Rainha D. Maria I, mãe de D. João VI, vinha religiosamente beber sua dose numa fonte existente no Cosme Velho.

No local, foi construído um recanto que ficou conhecido como a **Bica da Rainha**. Trata-se (ou tratava-se?) de um local histórico, tão importante

para o acervo cultural do Rio quanto o Largo do Botafogo.

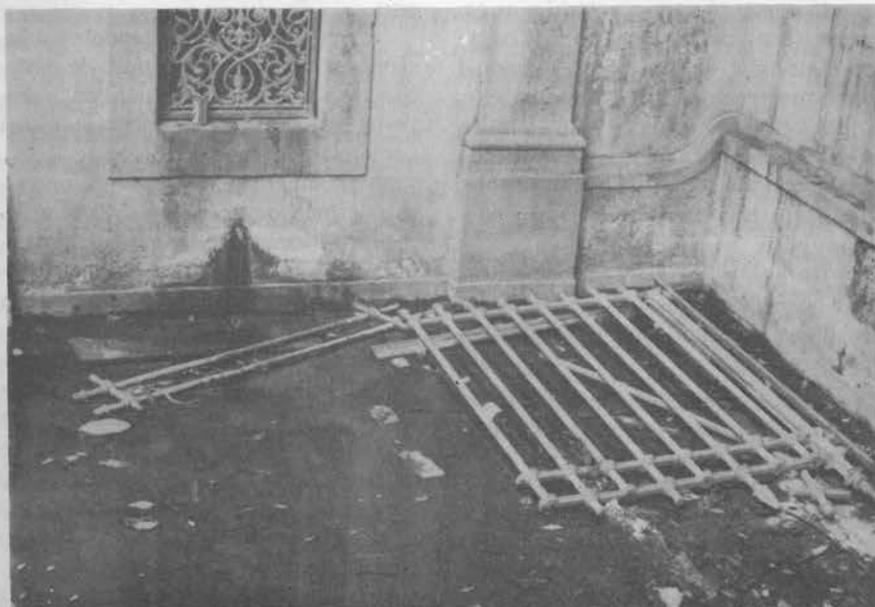
Hoje, infelizmente, aquele ponto turístico encontra-se em lastimável abandono. A bica propriamente dita, bela peça em forma de pescoço de cisne, não mais existe. Os portões enferrujam nas águas paradas, entre lixo de toda espécie.



Esse monumento foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAM, órgão do Ministério da Educação e Cultura.

Os moradores de Laranjeiras e Cosme Velho esperam que as autoridades responsáveis reparem mais este crime cometido contra um bem público, providenciando sua restauração.

Afinal, os monumentos históricos não pertencem apenas à Cidade do Rio de Janeiro, mas a cada um de nós.



# PAPOLIVRE

## Aniversário

- Nossos cumprimentos ao Padre Guerra, presença sempre discreta e amiga, que no dia 3 p.p. rendeu graças ao Senhor por mais um ano de vida.

## Encerramento

- Com Missa às 19:30h, no dia 17 de dezembro, na Matriz de São Judas Tadeu, a 8ª série do 1º grau se reúne para comemorar o encerramento da primeira etapa de sua vida estudantil.  
 – No dia 20 à mesma hora e no mesmo local, será a vez das turmas do 3º ano do 2º grau que, para atenuar a preocupação com o vestibular que se aproxima, farão, após a Missa, uma confraternização no pátio do Colégio. Aos formando os nossos cumprimentos e votos de pleno êxito nos exames.

## Natal

- A festa dos funcionários e professores será realizada no dia 22 no refeitório do Colégio, com Missa às 16h, seguida de lanche e sorteio de presentes.



## Agradecimento

- Recebemos do Sr. Damião Nascimento uma atenciosa carta na qual oferece os seus préstimos como revisor da CHAMA. Neste número, sua colaboração já foi solicitada. A ele os nossos agradecimentos.

## Retificações

- No número anterior, duas das fotos do artigo sobre os 20 anos do S. Vicente, foram feitas pelo aluno Alberto Camões.
- O artigo do nº 26 "Acontecimento Inédito" foi redigido pela Profa. Marlene Lídia Bluhn.

## Fotografia

- O VII Concurso de Fotografias do 2º grau do C.S.V.P. abordou este ano, o tema ECOLOGIA.

Como nos anos anteriores, a escolha do tema objetivou estimular, nos alunos a expressão (visual) crítica sobre problema da realidade social e cultural brasileira.

Julgados pela expressividade e originalidade do enfoque, em nível amadorístico, cinco fotos, entre 25 concorrentes habilitaram-se, cada uma ao prêmio de Cr\$ 2.000,00, segundo escolha da comissão, julgadora, composta do Pe. Guerra, da Profa. Sara (Profa. de artes do 1º grau) e de Fátima (Bibliotecária).

Das cinco fotos a de Yolanda Espinosa, que publicamos neste número, recebeu o prêmio extra de figurar na galeria das fotos premiadas, que podem ser apreciadas no 4º andar do Colégio

As demais vencedoras foram as fotos dos alunos André Leal Faoro (uma foto), Antonio Fernando Freire Japiassú (uma foto) e mais uma foto de Yolanda Espinosa.

## É Preciso Crescer. . .

Desde 1976 se realiza, em nosso Colégio, a preparação de alunos para o sacramento da Crisma. Um artigo na "CHAMA", nº 20, agosto de 1977, testemunha o início desse trabalho.

Desde então, após contactos com pais e alunos, depois de estudo e pesquisa, de reuniões, se optou por oferecer oportunidade a alunos da oitava série, dos quais provinham pedidos numerosos e insistentes.

Lançamo-nos ao desafio de preparar um bom grupo que, livre e espontaneamente, se inscreveu.

Estamos dando continuidade a este trabalho, que é compensador, malgrado as deficiências, quer quanto ao tempo de preparação, quer quanto à dimensão comunitária do sacramento e à perseverança em ter-

mos de encontros e ação no 2º grau.

No sistema convencional era costume apenas "sacramentalizar", isto é, preparar o jovem para receber os sacramentos da Igreja. Mais nada. . .

Hoje, a catequese tem outra exigência: quer envolver, engajar, empenhar, fazer atuar e agir. . .

Preparamos um programa, com conteúdo básico (conteúdos teológicos), levamos os alunos a uma reflexão séria, procurando sempre descobrir formas estratégicas para não tornar cansativos nossos encontros (aulas), com estilo próprio e uma metodologia característica.

Outros temas surgem nos grupos e, na medida do possível, são dados esclarecimentos e/ou pistas.

Questionamentos, debates, críticas, contestações fazem parte dos encontros.

O resultado tem sido animador:

medimos pelo proveito e interesse dos alunos.

Os pais, que participam deste trabalho conosco e com seus filhos, nos falam de sua alegria e dos "reflexos da Crisma" em casa, sobretudo na efervescência do período de preparação.

Neste ano de 1979, a cerimônia da celebração da Crisma aconteceu no dia 26 de outubro, sexta-feira, na igreja de São Judas Tadeu, em cuja paróquia está o Colégio São Vicente.

Como já foi lembrado no último número de "A Chama", a cerimônia teve lugar no tradicional Novenário de São Judas Tadeu e marcou, mais uma vez, na liturgia daquela noite, a participação do Colégio São Vicente de Paulo na vida paroquial.

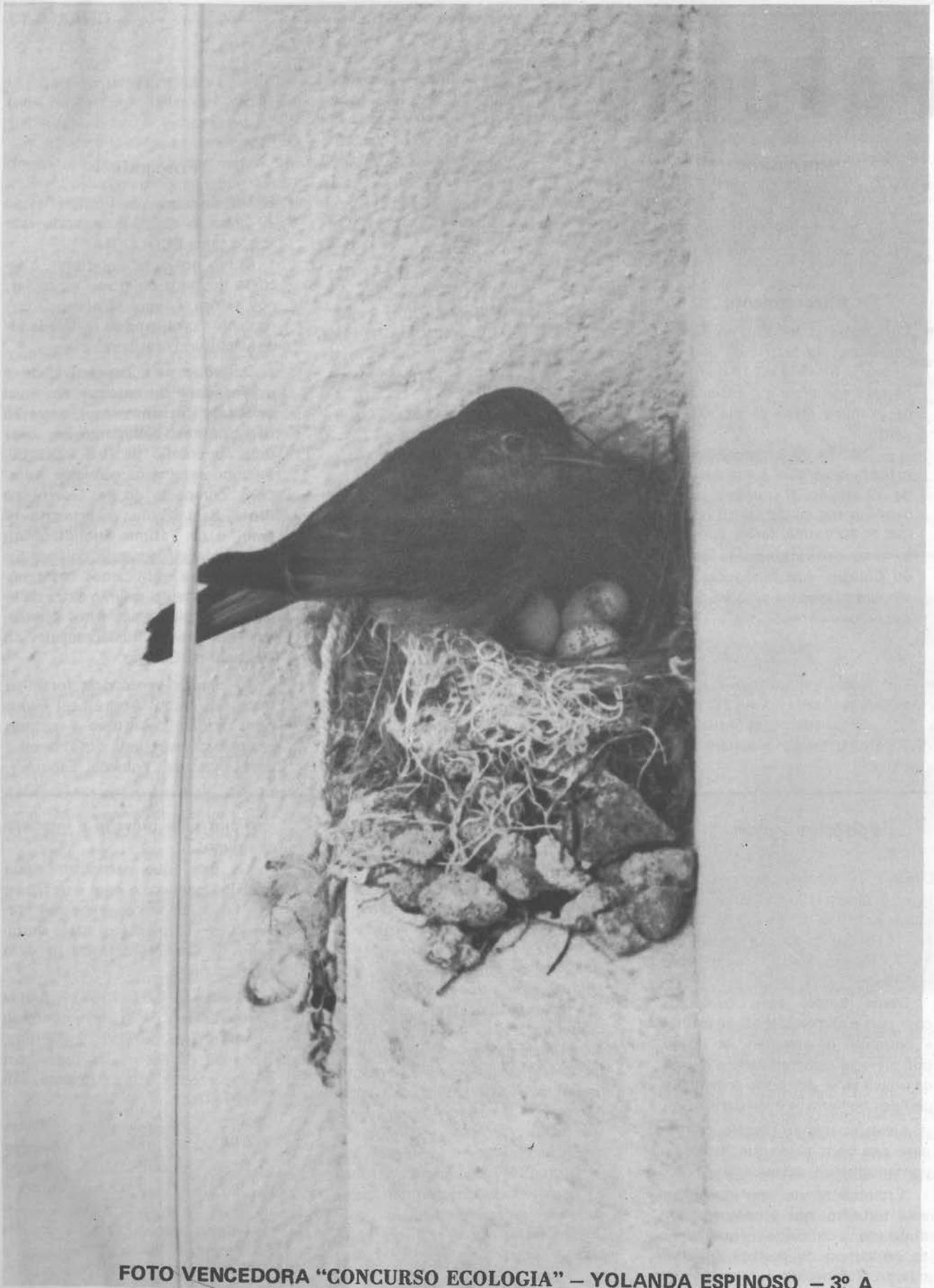


FOTO VENCEDORA "CONCURSO ECOLOGIA" – YOLANDA ESPINOSO – 3º A

# MESA REDONDA

## "A Televisão e Nossos Filhos"

No dia 25 de outubro próximo passado, nosso Auditório esteve em festa: uma publicidade diligentemente conquistada trouxe ao 4º andar verdadeira multidão interessada em ver e ouvir gente ilustre falar dos problemas da TV em relação à Criança. Não é a criança que passa de 3 - 5 horas por dia, imóvel face à magia do "vídeo" que, sem mãos, sem lenço nem cartola, faz mais sucessos que os nossos tradicionais ou modernos **prestidigitadores**?

Entre nós, estavam naquela noite, Artur da Távola jornalista e escritor tão conhecido como crítico de TV, Geraldo Casé da TVE profissional de TV e atualmente trabalhando na TVE do Rio; Rosa Maria Fischer também na TVE-Rio, encarregada do projeto Lobato; Geraldo Campos da TVE de que é Diretor Pedagógico; João Batista Ferreira, psicólogo, psicanalista e professor; e outros como Irmão Orlando Cunha Lima, presidente da Associação de Educação Católica do Brasil; Anésio P. Dutra representante dos Professores; Maria Célia Bustamante, representante a A.P.M. do Colégio S. Vicente de Paulo.

Maria Célia Bustamante, comunicadora habilitada por curso e um mestrado **vivido e sofrido**, coordenou a mesa, de sorte que cada qual desse inicialmente seu recado e se pudesse, numa 2ª parte, à disposição dos ouvintes.

Por ordem falaram: Artur da Távola, Geraldo Casé, Geraldo Campos, João Batista e Rosa Maria:

**Artur da Távola** — Seriam muitos os aspectos do problema TV x Criança. Restringindo o debate à "massificação como produto da TV", após colocações preliminares, pergunta: seria onipotente a força massificante da TV? Se, para encaminhar a resposta, admitimos o livre arbítrio como constitutivo da pessoa humana, concluímos pela possibilidade de se acionar a reflexão crítica, que contrabalançaria tal poder massificador.



*Padre Almeida e Maria Célia Bustamante nos estúdios da TV Tupi — Programa AQUI AGORA — fazendo a divulgação da mesa redonda sobre "NOSSOS FILHOS E A TV"*

Admitido o livre arbítrio, aparece a responsabilidade de todos os grupos educacionais a cujas mãos está entregue a criança indefesa: Família, Movimentos familiares, Igreja, Escola.

Para todos estes torna-se um desafio a preparação das crianças como receptores de TV.

**Geraldo Casé** — TV, Criança e Educação. Profissional de TV como produtor de programas para criança, conhece bem as dificuldades inerentes à profissão. E deduz, dentre vários, uma necessidade urgente, a do debate constante dos pais (e mestres) com as crianças, a respeito dos programas que eles vêem. A criança recebe as imagens, às toneladas, de modo passivo, o que não significa que aceite tudo. O diálogo, a reflexão é que a fará discernir — o **positivo e hierarquizar valores**.

**Geraldo Campos** — Dono de rica experiência de educação formal programática através de TV Educativa do Ceará, expôs bastante longamente, seus pontos de vista que coincidem com os dos que o precederam:

A TV não é culpada: é um maravilhoso invento que honra nosso século; mas é também fruto de um mundo contraditório e participa, de cheio, dessas contradições. Diante da TV, seria vicioso qualquer mecanismo de fuga:

autoritarismo, dependência, conformismo.

Temos de sair da atitude ingênua para a atitude crítica **questionando, denunciando, sim, sobretudo agindo inteligentemente**. Despojada de preconceitos, nossa ação será no sentido de discutir, debater, dialogar (so-

bretudo com a criança que pretendemos preparar como receptor crítico.

**João Batista Ferreira** — psicanalista, fala sobre a violência na TV. Distinguindo bem duas grandes categorias de violência, considera má apenas a chamada secundária que a TV transmite, quer veiculando-a diretamente, (por exemplo mostrando cenas reais da violência), ou indiretamente propondo modelos de violência (desenhos representando o Herói e o Anti-herói que usam as mesmas armas).

A criança misteriosamente se identifica com a violência. Sêde de atividade? Ou a violência faz parte de seu constitutivo pessoal? É interessante notar que o radical da violência (vis) é o mesmo da (vitae)...

**Rosa Mariá** — responsável pela 3ª parte do projeto Lobato (TV x Criança), mostra, por fim, o resultado de interessante pesquisa sobre o comportamento das pessoas, face à TV: ela faz notar a diferença de reações segundo a classe social. O popular é muito mais objetivo diante da TV, que, pelo mesmo motivo, lhe é muito menos problemática do que para a "classe média".

Falou sobre as tendências (dos telespectadores acrílicos) à reavaliação, à identificação, à filiação. Uma condição básica para o telespectador é, no ato de julgar os programas de TV, seria a "globalização", ou seja, a capacidade de não fazer juízos jamais sobre o programa. A atitude de diálogo, e debate é absolutamente necessária a todo educador atento à realidade.



Artur da Távola expondo o seu tema: "Será a massificação onipotente?"

Na 2ª parte, o debate dos presentes, com a mesa foi riquíssimo. Na impossibilidade de retratá-lo, inseríamos duas amostras, que João Batista e Geraldo Campos tiveram a gentileza de dar à questões que eles, por falta de tempo não puderam responder em plenário, marcando-se outra etapa que partindo da análise do filme "O Contador de Histórias", sobre a violência na TV, já exibido pela TV Globo. Esta 2ª parte foi realizada no dia 22 de novembro.



Rosa Maria fala sobre o Projeto Lobato.

### DEPOIMENTO DO SR. GERARDO CAMPOS — DIRETOR DA TVE DO CEARÁ, SOBRE O TEMA "CRIANÇA E TV"

— A televisão é a grande responsável por tudo isto que está acontecendo por aí?

Toda vez que se debate oficialmente a televisão, sempre seu aspecto negativo chama mais atenção: inibe a criatividade, incentiva o crime e a violência etc. Isso não é novo. A resistência à mudança tem necessidade de encontrar explicações simplistas para os males sociais, pois isso nos leva a não pesquisar nossa participação pessoal naquilo que condenamos. A televisão não pode ser separada do contexto em que deverão ser consideradas outras instituições e outros meios de comunicação de massa que também contribuem para este ou aquele comportamento da criança. "Antes de ser um meio eletrônico a televisão é uma instituição político-social" e sua produção tem de ser examinada dentro da estrutura sócio-política de que ela é reflexo e infelizmente reforço.

Só lamentar a televisão e não tomar consciência de uma realidade total é uma fuga e como tal uma contribuição para perpetuar a situação de homem-objeto, de homem-dependente de homem-manipulado-subserviente.



Vista geral da mesa. Padre Almeida agradece a presença de todos.

**— A TV inibe a criatividade?**

De alguma maneira parte dessa pergunta já foi respondida. Aprofundemos um pouco mais. É bom que se saiba que a imagem de TV é uma imagem inacabada. É o receptor que faz o fechamento dos pontos eletrônicos que chegam ao seu equipamento sensorial. Outra coisa: A palavra na realidade é bem mais pobre em caracteres representativos que a imagem e eu estou convencido de que se educarmos a percepção da criança poderemos conseguir estabelecer uma relação maior entre a ação e o sentimento e até fazer do idealismo não um escapar da realidade mas uma resposta humana à realidade. Concordo com Francisco Gutierrez quando diz: "A Educação da percepção é o caminho primeiro e através do qual teremos de passar se quisermos chegar a avaliar a magnitude e complexidade dos demais estados da consciência humana". Quando a criança portanto aprende a por sua marca pessoal na imagem que ela percebe, ela recria essa imagem. O que preocupa é que a educação tradicional não leva muito a sério o código icônico o que contribui para embotar as faculdades perceptivas mais elementares.

**— Gostaria de acrescentar alguma coisa mais?**

Sim, gostaria de acrescentar à guisa de conclusão. Um mesmo programa pode ser visto de modo diverso por receptores diferentes. Uma declaração política, por exemplo. Um estudante percebe e analisa de uma maneira. Um membro ativo de um partido vê de outra e um agente policial de outra. É

um princípio básico: "A comunicação se faz no receptor. O fato é que a televisão, é um veículo de comunicação e o processo da comunicação é um metabolismo psico-social. Algo é anabolizado e algo é catabolizado e esse anabolismo e esse catabolismo vão depender da saúde psicológica e social do homem no seu mundo, na sua realidade. Insisto mais uma vez na idéia de se trabalhar contra o "analfabetismo da imagem" pois uma deficiente leitura denotativa do código icônico levará a uma interpretação errônea dos significantes e em consequência à falta de espírito crítico diante dos poderosos meios de comunicação social.

**DEPOIMENTO DO PSICÓLOGO  
JOÃO BATISTA FERREIRA  
NA MESA REDONDA SOBRE  
"CRIANÇA E TV**

— "Até que nível, em seu consultório, você constatou que a televisão seria um lazer?"

De modo geral, todas as crianças gostam imensamente de ver televisão. Comentam os programas, imitam personagens, com os quais se identificam, não raro. Devido ao tipo de vida que se tem na grande cidade, durante a semana, se os pais trabalham fora, a televisão, lamentavelmente, é para algumas crianças a única fonte de lazer.

— "De que maneira poderia a televisão se transformar num instrumento útil para a criança?"

— "A TV dopa a criança por prendê-la tempo precioso, que poderia usar de outra forma mais criativa?"

— "Como poderia ser usada a TV para que se torne um agente de libertação?"

A televisão é um instrumento fascinante. É indispensável na vida do homem moderno, com veículo de informação. A meu ver, o que se procura não é afastar a criança da TV, mas forçar um uso mais criativo desse instrumento, através de programação mais adequada às condições em que vive a criança brasileira. É urgente a troca, por exemplo, os "enlatados" por "produtos nacionais", ligados a nossa cultura. Essa tarefa é quase utópica, a não ser que se mude a ideologia que controla esse instrumento. Penso, ademais,



O auditório repleto demonstra o interesse despertado pelo assunto.

que é da responsabilidade dos pais a criação de formas alternativas de lazer e divertimento de seus filhos. Quando se oferece um divertimento ativo, onde há lugar para mais de uma pessoa, a criança dá nítida preferência a essas formas, dispensando assim a televisão

— **“Como muitos pais não têm o tempo necessário para orientar ou explicar as dúvidas da criança, não acha melhor que a TV faça a orientação necessária de seus programas?”**

Essa pergunta seria melhor respondida por um técnico em Comunicação. Pelo que posso entender, não é papel da televisão educar nossos filhos em nosso lugar. Ela informa, instrui e diverte. A educação e orientação dos filhos é tarefa dos pais. A delegação dessa tarefa é uma traição aos filhos. . . Há que se ter tempo, quando um casal se determina a acolher um filho. Contudo, é de se desejar tenha a televisão mais sensibilidade e critério, quando leva sua imagem para as crianças.

— **“O fato de não haver televisão em casa (visando justamente evitar a manipulação) pode afetar a formação da criança, criando marginalização?”**

Já fui simpatizante desse procedimento. Desisti dele, no entanto, por sentir que a saída não é bem por aí. A criança, quase sempre em grupo (na escola, parque, play-ground, vizinho) respira uma atmosfera, povoada de imagens e fantasias, alimentadas pela TV. Ora, não podendo acompanhar “essa linguagem”, pode a criança — que não vê televisão — se sentir marginalizada ou mesmo ser discriminada. Talvez fosse interessante mais orientação e menos interdição no uso da televisão, apesar da baixa qualidade dos programas infantis.

— **“Como deve ser feito o controle de horário pelos pais? Este controle é válido?”**

Acredito na possibilidade de orientação dos filhos. Importa não tenham os pais medo de ser pais. Orientação e formas saudáveis de divertimento (enquanto for possível nos minguados espaços da cidade grande) é mais interessante do que imposição de horários e controle à criança. Aliás, à exceção de dois ou três programas, o que é adequado à criança na televisão?

— **“Por que a criança prefere os programas de maior fantasia? Por exemplo: Mulher Biônica etc.**



“Criança, violência e TV” foi o tema abordado pelo psicólogo João Batista Ferreira.

— **Será que ela, a criança, gostaria que fôssemos iguais aos personagens da TV?”**

Essa pergunta possui uma profundidade extraordinária. A ela gostaria de responder mais extensamente, se não fosse a limitação necessária que impõe o espaço de uma revista. É que estão em jogo, nessa pergunta, vários elementos, como: o forte poder de representação, imaginação e identificação do ser humano em todos os níveis de interação com a realidade. Em sua inermidade, a criança faz uso da onipotência para resistir à perda e vencer a morte. Mergulha na ilusão do “todo” e se refugia na imaginação, onde busca o apaziguamento de suas tensões. Os heróis fantásticos (e por que não os anti-heróis poderosos) são “prato-feito” para a fantasia. Ultimamente, nas festas infantis de aniversário, tenho esbarrado num sem número de crianças, fantasiadas de Mulher-Maravilha, Super-Man, Homem-Aranha,

Bat-Man etc. Sentem-se com poder, magia e força. E é tal a seriedade dessas identificações que, não raro, a criança ensaia um vôo de uma janela ou muro, quando veste a “capa” voadora do herói. A criança nos dá muito poder, por idealização. Ser filho de um semi-deus lhe garante a imortali-

dade. Mas, o narcisismo que anima a criança a leva a desejar para si e em si todo o poder e onipotência que lhe for apresentado. A fantasia tem forte poder na criação, mas pode também negar a realidade. A TV poderia “jogar” um pouco menos com a fantasia, doando-se com a realidade. . .

— **“Como lidar com a violência; como enfrentá-la; qual a maneira de nos fazermos entender por nossos filhos, no sentido de combatermos essa violência que lhe impressiona, o marca e, ao mesmo tempo, o confunde, em relação às nossas explicações e orientações?”**

O mundo é violento. O mundo moderno está um pouco mais violento. Atrás da violência está a fome, a miséria, a injustiça. Nossos filhos estão vivendo nesse mundo. Estão se preparando para conviver aí, nesse espaço de guerra. Acho muito difícil essa tarefa dos pais e educadores. Por outro lado, a capacidade de introjeção de uma criança nos garante pelo menos uma coisa: se eu, pai ou educador, não usar de “mais-violência”, violência deslocada ou arbitrária, dou à criança a possibilidade de intuir o bome o bem. Percebendo ela a minha bondade, a minha justiça, ela admitirá, dentro de si, a bondade e a justiça, apesar das condições cruéis da sociedade moderna.

## NATAL Vida de cada dia

Estamos no Advento, já voltados para o Natal que se aproxima. Sentimos uma alegria diferente. É tempo de festa! Tempo de união, e é tempo de pararmos um pouco para refletir.

Lucas nos diz: —

*"Aquele que pode nos libertar está perto de nós".*

Será que temos consciência desta grande verdade? Que só há libertação quando nos entregamos totalmente à vontade Divina?

Deixemos as amarguras e incertezas do nosso coração. Os sonhos e as fantasias enganadoras do consumismo. Os ódios e incompreensões que minam a nossa existência, e vamos sair de nós mesmos e ir de peito aberto ao encontro do Cristo — através de nossos irmãos. Vamos viver a única e verdadeira alegria, a chegada do CRISTO NO NATAL e em nossas vidas.

Será que temos tido confiança de colocar nossas vidas nas mãos de Deus? Coragem para dizer simplesmente. "O que queres de mim hoje?" e não dizer sempre. "Hoje eu desejo isto".

O Cristo se apresenta a nós, em vá-

rias roupagens. Ele se manifesta a todo o momento na figura do nosso próximo. Na pessoa daquela "visita chata" que nos toma muito tempo, mas que está precisando de nossa atenção e carinho. Na forma daquela afilhada pobre do subúrbio que vem sempre nos visitar em hora inconveniente. Ele também toma a forma daquela vizinha hipocodríaca, cheia de reumatismo, que escolhe horas ingratas para relatar seus infortúnios. Ele pode nos falar até através do telefone, pela voz daquela amiga que tem a alma angustiada por problemas enormes, e que necessita ouvir apenas uma palavra para ter certeza de nossa ternura e nosso amor. Pela mãozinha daquela criança que nos oferece drops no sinal, mostrando no rostinho magro toda a miséria de sua existência.

Vamos refletir em profundidade, fazendo uma revisão do que tem sido a nossa vida até hoje. Do que fizemos, do que temos intenção de fazer e do que esquecemos de fazer.

Quem terá coragem de esbanjar a dignidade que o Senhor quis atribuir a cada um de nós? Quem terá a coragem de descer às suas raízes e constatar o

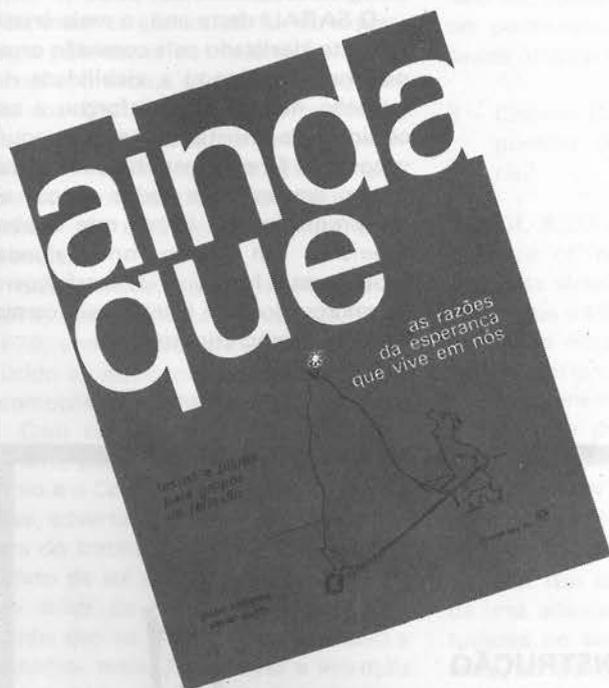
CHAMA 23



que realmente tem sido até agora?

Um marido ausente ou um marido dominador? Uma esposa omissa ou esposa displicente? Mãe dominadora ou mãe incoerente? Filha distante ou filha egoísta? O que realmente conta é que saibamos enfrentar a nossa verdade, e tenhamos coragem de tomar a decisão de melhorar, pois a natureza humana é algo divino que traduz o poder e a obra de Deus, que é a ESTRUTURA RADICAL DE TUDO QUE EXISTE...

Helena Ruiz  
da Coordenação do Grupo de  
Estudos e Atualização



*ainda que*

o essencial deva ser descoberto dia-a-dia e sejamos obrigados a defendê-lo para não vê-lo morrer...

*ainda que*

as palavras se tornem incapazes de exprimir o que trazemos no fundo do coração...

*talvez haja ainda um caminho a descobrir, uma oportunidade ao nosso alcance, uma luz nalgum lugar, uma Terra a Amar.*

LIVROS RELIGIOSOS, PEDAGÓGICOS, LITÚRGICOS,  
FOTOMONTAGENS, DISCOS, CASSETES, POSTERS.

**ep**  
EDIÇÕES PAULINAS

Rua México, 111-B — Tel. 224-0059

# SARAU

O final da década de 60 e início de 70, assistiu o apogeu e declínio dos festivais de música, nas principais cidades brasileiras. Nas pegadas desse processo agitavam-se estudantes universitários e secundários reproduzindo o estilo do momento — o que deu margem à expressão: música para festival. Embora revelassem alguns nomes importantes para a música popular brasileira (aqueles que, de qualquer forma, teriam seus talentos reconhecidos), os festivais secundaristas pouco ou nada tinham a ver com o recinto onde se realizavam: a escola.

Uma rápida passagem pelo aspecto educativo desses certames musicais colhia, nos colégios, acusações de júris incompetentes, cartas marcadas e todo um rosário de subprodutos gerados por uma competição por prêmios, menções, colocações, mais o sonho de uma rápida projeção artística. Por outro lado, e por causa disso mesmo, desnudava a dificuldade das escolas em gerarem fermentações culturais vinculadas a uma prática pedagógica em coogestão com os alunos, por meio dos seus órgãos representativos.

Como não é refratário ao jogo das forças sócio-culturais, o Colégio São Vicente de Paulo não escapou da reprodução desse modelo de festival estudantil. E até testemunhou o apodrecimento deles, expresso na tentativa de agressão a um jurado, por um concorrente descontente. Foi o sinal, que não se desejava tão radical. Parou-se para pensar. Para onde apontava a proposta educativa do colégio, inspirada na car-



ta de Medellín? Como inserir na atividade cultural dos alunos a explicitação da cultura brasileira e dos valores humanos? Essas e outras perguntas devem ter ocorrido ao Jorge Luiz (Coordenador Pedagógico do 2º grau), na busca de um caminho que substituisse a percução competitiva pelos acordes da confraternização. Assim, nasceu o SARAU, palavra em desuso, cujo significado remete aos encontros de amigos, à chegada da noite, para festa ítero-musical.

Coordenados pelo Jorge, os alunos do 2º grau realizaram, em 1974, o seu primeiro SARAU. A função educativa de um encontro amistoso em torno da música encontrou algumas linhas que logo se estenderam para os demais segmentos de alunos. Contudo, novas arestas se projetaram e nos anos subsequentes, ora mais, ora menos, um novo elenco de senões pediram reflexão. Mas, desta vez, articuladas com o processo de repensamento das propostas e da ação educativa vivenciadas pelo Colégio São Vicente de Paulo.

O SARAU deste ano, o mais criativamente idealizado pela comissão organizadora, confirmou a viabilidade do caminho mas também reforçou a necessidade de discutirmos sobre os equívocos que ferem a sensibilidade e travam o empenho de todos os que se comprometem em tornar este estabelecimento um espaço, onde alunos, professores e funcionários aperfeiçoem os valores morais e intelectuais, comunitária e democraticamente.

Anésio Pereira Dutra

**QUE O NATAL**

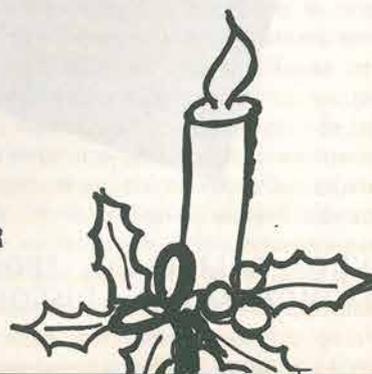
**LHE TRAGA**

**A PARTICIPAÇÃO**

**NA CONSTRUÇÃO**

**DE UM MUNDO MELHOR**

Diretoria da APM



Esta entrevista foi solicitada à Chama com o objetivo de explicar aos pais de alunos como a Direção do Colégio São Vicente de Paulo encara a reprovação em 8ª série em 1979.

Em nome do Serviço de Orientação nos fala o responsável por esse serviço em 8ª série, o psicólogo, professor Alufzio.

1 — Chama: *Qual o nº de reprovados na 8ª série do Colégio São Vicente no ano de 1979?*

Prof. Alufzio: Para responder esta pergunta hoje, não posso falar em números exatos, porque a reprovação que originou o interesse desta entrevista e, portanto, da pergunta, remonta ao dia em que saiu publicado o resultado final do Conselho de Classe de 8ª série.

Hoje, uma semana depois, já houve mudança nesses dados. Essas mudanças refletem que o sistema se reafirma como um sistema aberto, ou seja, não há nenhuma rigidez, nenhuma inflexibilidade, nenhuma atitude irreversível nessa situação de reprovação. O Conselho de posse dos resultados dos quatro bimestres ajuizou da forma expressa na publicação dos resultados. Nessa ocasião, o índice de reprovação ascendeu aos 27%. Esse índice, sem dúvida, nos preocupou, mas, na verdade, os resultados finais derivaram de um quadro que ficou delineado desde o 1º bimestre e para o qual estávamos atentos.

Sabia-se que o grupo de 7ª série de 1978, que produziu o grupo de 8ª de 1979, vinha claudicante, apesar de ter obtido as notas que permitiram a sua promoção.

Com esses dados, desde o começo do ano, passamos, o Serviço de Orientação e a Coordenação Pedagógica, nas salas, advertindo os alunos para a natureza do trabalho a ser efetuado em 8ª. O fato de ser uma série terminal, com um nível de dificuldades maior, impunha que os alunos se dispusessem a trabalhar mais. Não houve a intenção de assutá-los, mas, sim, de colocá-los diante da realidade que não podia ser escamoteada.

Depois desse trabalho, vieram os resultados do 1º bimestre, reolocamos o problema. Preparamos estatísticas, fomos às turmas, fizemos entrevistas com os alunos em grupo e individual-

# A PROPÓSITO DA REPROVAÇÃO

mente. No final do 2º bimestre, o quadro permanecia o mesmo. Mandamos cartas aos pais que, de resto, conhecem as regras do jogo, isto é, as normas de aprovação ou reprovação, e, por isso, já podiam reconhecer a situação deficitária das notas de seus filhos.

2 — Chama: *O percentual de 27% é visto como anormal pelas teorias pedagógicas?*

Prof. A.: Realmente, esse resultado está além dos índices normalmente esperados, mas como a situação era anômala, pelo que já foi dito, esperava-se que o trabalho, feito durante o ano, fosse capaz de corrigir essa anomalia. Não foi; apesar dos trabalhos, os índices permaneceram altos, os mais altos desses últimos anos.

3 — Chama: *Quais as causas mais frequentes de reprovação em 8ª série?*

Prof. A.: O que historicamente ocorre é que os índices de reprovação, nas primeiras séries é baixíssimo e, à medida em que o aluno progride academicamente, as notas vão-se tornando mais baixas, afastando-se do dez.

Naturalmente, esse fenômeno de afastamento progressivo do dez dá-se em função do índice de dificuldades crescentes que o aluno enfrenta: Maior grau de abstração nas matérias, maior número de cadeiras, solicitações mais difíceis. Isso tudo não é acompanhado de uma adaptação proporcional do estudante no sentido do tempo que investe no trabalho escolar. Seriam necessárias, no mínimo, duas horas de estudo diários (em casa) para o aluno que está na 8ª série. Não é o que ocorre.

Compreendemos, porém, que nessa idade as solicitações são muito variadas. O adolescente não pode ser considerado culpado, tem sua parcela de

responsabilidade, mas a arguição de culpa é estéril. Quer dizer: não está dentro do aluno, ou da família ou da escola, não poder produzir próximo do dez. Está dentro, um pouco, de cada uma dessas instituições, mas, basicamente, está dentro do sistema, está dentro do mundo atual, está dentro da sociedade. O que o aluno, a família e a escola não podem é neutralizar totalmente os efeitos concorrentes contra essa disposição de investir duas horas diárias de estudo. Isso não é possível, não é real.

Ainda, na oitava série, o aluno ganha a condição de "veterano consagrado", dentro disso, ele se perde um pouco e, pode, até mesmo, pagar o tributo de uma reprovação. Reprovação que, de resto, pode beneficiá-lo.

Eu até me questiono, quando, não se tendo idéia do quanto pode existir de educativo numa situação de reprovação, os pais, vindo à escola com um tipo de atitude e reivindicação exacerbadas, ao invés de beneficiar seus filhos, não os estariam prejudicando?

Essa é uma questão que gostaria de deixar para a reflexão dos pais: quantos não estariam vendo nos filhos, talvez, a última oportunidade de realização de suas expectativas e frustrações pessoais, de realizar, neles e através deles, os ideais que não alcançaram em suas infâncias e adolescências. . .

4 — Chama: *Em sua primeira resposta, você apontou que a 8ª série era vista como uma "safra" claudicante de sétima, em cima disso, fez-se um trabalho exaustivo, mas apesar de tudo, os alunos permaneceram desinteressados e sem motivação. Como você explica essa falta de interesse e motivação?*

Prof. A.: Em primeiro lugar, "trabalho exaustivo" não é expressão minha. O trabalho não foi exaustivo e, aí, fica, certamente, a parcela de responsabili-

dade do colégio nessa história toda. Talvez, pudéssemos ter feito mais e melhor. Fizemos o que nos foi possível e nos pareceu suficiente. Todavia, estamos conscientes, hoje, de que foi insuficiente. Nem sei se saberíamos fazer mais e melhor diante de uma outra situação análoga. Em educação, não existem modelos rígidos nas abordagens das situações, tendo em vista que estamos lidando com pessoas.

Em segundo lugar, dizer que "os alunos permaneceram desinteressados e sem motivação" não é a forma pela qual eu gostaria de colocar o problema. Porque interesse e motivação não estão só dentro do aluno. Existem fatores e solicitações externos que concorrem até contra a motivação e interesse do educando. Eu recolocaria o problema em termos do contexto total em que estão inseridos a escola e o próprio aluno.

A falta de motivação, talvez, seja até uma questão cultural pela qual o aluno não é responsável, mas pode ser o herdeiro. Herdeiro do desinteresse e desmotivação em termos nacionais.

Nós todos: a escola brasileira, a educação brasileira, a família brasileira, a praia brasileira (especialmente, a carioca), o analfabetismo e subnutrição brasileiros, a subnutrição e indigência culturais brasileiras somos responsáveis por esse desinteresse de que o aluno é, simplesmente, o portador.

Por isso, imagino, quando as pessoas vêm aqui falar em nome de seus filhos, que elas vêm valar em nome do desinteresse e desmotivação que eles herdaram delas.

Quando os pais acham cansativo responder às perguntas de seus filhos, quando sonégam por pudor, por medo ou por não saberem, as informações que a criança solicita. Quando ao entrar para a escola, esta não está a nível do interesse da criança em aprender. Os pais e a Escola desmotivam a criança.

Quando diante de uma televisão portadora e porta-voz de uma cultura alinígena, a criança também se desmotiva.

Enfim, as raízes desse desinteresse estão além dos limites da pele que envolve o adolescente, a criança, que está dentro da Escola Brasileira e, neste caso específico, na 8ª série.

5 — Chama: *Em termos práticos, o que a família poderia fazer junto à escola para que o educando superasse essas condições hereditárias de desinteresse e desmotivação?*

Prof. A.: Primeiro, a família se convencer disso. E, convencida, dar-se a tarefa de encarar a realidade. Quero dizer: re-conhecer o mundo que está aí, isto é, o mundo do seu filho, de sua escola, de seu estado, de seu país. Depois, olhando em volta, no mercado das ofertas escolares, buscar uma escola que também tenha sua ideologia e sua prática educativa vinculadas ao compromisso com o realizar histórico e concreto.

6 — Chama: *Você acha que há má interpretação dos fatos quando se culpa a filosofia da Escola pelo alto índice de reprovação?*

Prof. A.: Eu diria que, parcialmente, sim, e, parcialmente, não. Na medida em que a Escola, ao optar pela filosofia da Educação Libertadora, não pôde operacionalizar totalmente as suas premissas ideológicas, ou por carências de ordem material, ou por falhas humanas, pode-se responsabilizar, não a filosofia, é claro, mas a sua prática. Por outro lado, essa responsabilidade é parcial, pois, também essa mesma prática educativa contribui muito para o crescimento do educando num sentido global. Reconheça-se que o Colégio São Vicente estabeleceu um clima de diálogo, confiança e respeito entre a direção, professores e alunos favorável à educação e, portanto, à aprendizagem. Daí, não há que se responsabilizar a filosofia da Escola de forma genérica.

7 — Chama: *Qual a atitude mais saudável dos pais diante da reprovação constatada?*

Prof. A.: Seria ingênuo de minha parte pretender dar uma fórmula que resolvesse todos os casos. Cada grupo familiar é único, dinâmica de relação familiar é exclusiva e, sendo assim, a cada caso corresponde uma atitude diferente.

Eu diria basicamente: não se assustar diante do fato, não fazer da repro-

vação uma catástrofe, pois isso pode mesmo piorar o quadro. Então, parece que saudável é se debruçar sobre a realidade crítica, analítica e objetivamente, avaliar o que está ali, ter coragem de enfrentar o dado novo e propor alternativas de mudanças.

Para isso, os pais podem procurar o colégio — e efetivamente o têm feito — e cada caso será analisado com o cuidado e a especificidade de cada um. Daí, sim, brotarão alternativas de soluções e encaminhamentos.



8 — Chama: *Para o próximo ano, como vocês estão pensando agir no sentido absorver de modo produtivo essa leva de repetentes na 8ª série?*

Prof. A.: Até o momento não vemos porque agir diferente dos outros anos, já que o trabalho realizado com os repetentes tem sempre obtido bons resultados.

Esse trabalho se resume em entrevistas individuais e em grupos com os repetentes nas quais analisamos as causas que os levaram a essa situação e os modos de agir que podem evitar outras situações de repetência.

De modo geral, não existe no C.S.V.P. a estigmatização do repetentes, podemos mesmo adiantar que muitos se beneficiam com uma justa reprovação, amadurecem e chegam mesmo a assumir as lideranças produtivas como representantes de turma ou participantes do Grêmio Escolar

**ALGUMA DATA A COMEMORAR?  
NÃO SE PREOCUPE. CHAME O**

# ISIDRO



**Jantares — Recepções  
Bebidas, Salgadinhos e Doces**

**E TODO O MATERIAL NECESSÁRIO  
A SUA FESTA**

**Rua Davi Campista, 35 — Tels.: 286-7419 — 246-6685  
Botafogo — Rio de Janeiro — RJ**

**UM SERVIÇO DE BUFFET CLASSE A**

## Revestimentos de Interiores

Cortiça

Camurça

Vulcatex

Carpetes

Plavimural

Piso Formioplac

Papel de Parede

Paineis Fotográficos

**MERCANT REVESTIMENTOS LTDA.**

Rua Riachuelo, 330 F L J, 201 - Tels. 232-9324 - 232-6044 - 232-4119



# a chama



20.00 — MISSA

21.30 — CORAL

22.00 — CONFRATERNIZAÇÃO

OBS.: PEDIMOS SUA COLABORAÇÃO  
COM UM PRATO DE SALGADOS.